



FCTUC

Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra
Departamento de Arquitectura

Espaço Público. Qual o caminho para a Serra da Estrela?

Estratégia(s) para a requalificação paisagística: o caso de Manteigas

Sara Monsanto Santos de Almeida Gonçalves
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Sob a orientação do Professor Doutor Adelino Gonçalves

Coimbra, Setembro de 2017

Espaço Público. Qual o caminho para a Serra da Estrela?

Estratégia(s) para a requalificação paisagística: o caso de Manteigas

Agradecimentos

Ao professor Adelino Gonçalves, pela disponibilidade, acompanhamento e dedicação ao longo de todo o processo da dissertação.

À Câmara Municipal de Manteigas, em especial à Divisão de Planeamento, Obras e Urbanismo, particularmente à Arquiteta Patrícia Cunha, pelo contributo e por todas as informações fornecidas.

E à minha família e amigos, por toda a compreensão e apoio.

RESUMO

Falar de paisagem não se limita à natureza nem ao que é natural. O seu conceito é complexo e integra não só um espaço físico como também uma construção social, que é o resultado de diversas operações no território de ordem natural ou humana. A construção da paisagem é por isso um processo em vez de um produto.

A dissertação aqui apresentada desenvolve uma proposta de requalificação na vila de Manteigas. O seu objetivo é a definição de uma estratégia integrada que se desdobra em dois eixos de intervenção e atua em duas escalas diferentes, tendo sempre por base a temática da conectividade.

A paisagem do Parque Natural da Serra da Estrela engloba o município de Manteigas. A intervenção neste território conecta diferentes regiões, pessoas e lugares, através de uma requalificação do espaço público da vila de Manteigas que visa reforçar a coesão territorial e social.

ABSTRACT

Speaking about landscape isn't restricted to nature or to natural things. Its concept is complex and integrates not only physical space but also a social construction, which is the result of different territorial operations of either natural or human order. For that reason, the construction of landscape is a process and not a product.

The thesis here presented develops a requalification strategy for Manteigas' village. Its purpose is an integrated definition that has two projects in two different scales and always has connectivity as its main theme.

The landscape of the Natural Park of Serra da Estrela includes Manteigas's county. The intervention in this landscape connects different regions, people and places through the requalification of the village's public space which aims a social and territorial cohesion.

ÍNDICE

Volume I

INTRODUÇÃO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1. Paisagem Urbana. Espaço Público. Rua. | 17 |
| 1.1. Ler e perceber a paisagem | 17 |
| 1.1.1. Conceito | 17 |
| 1.1.2. Observação e perceção | 19 |
| 1.1.3. Categorias de Paisagem | 21 |
| 1.1.4. Paisagem e Território | 25 |
| 1.1.5. Abordagem e processo | 31 |
| 1.2. Espaço público | 35 |
| 2. Manteigas, o coração da Serra da Estrela | 43 |
| 2.1. Análise | 43 |
| 2.1.1. Contextualização Histórico-geográfica | 43 |
| 2.1.2. Crescimento e evolução urbana | 47 |
| 2.1.3. Instrumentos de gestão territorial | 49 |
| 3. Estratégia(s) de integração e requalificação urbana “Artérias do Vale do Zêzere” | 53 |
| 3.1. Análise S.W.O.T. | 53 |
| 3.2. Proposta | 63 |
| CONCLUSÃO | 75 |
| BIBLIOGRAFIA | 77 |
| Anexos | 89 |
| Fontes de imagens | 107 |

Volume II

Peças Desenhadas

F1. Vila de Manteigas | Percursos dos Trilhos Verdes

F2. Vila de Manteigas | Análise

F3. Vila de Manteigas | Proposta

F4. Vila de Manteigas | Percursos Minibus e edifícios

F5. Artérias do Vale do Zêzere | Ligação mecânica

F6. Artérias do Vale do Zêzere | Sector da Rua 1º de Maio

F7. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila | Entrada da vila

F8. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila | Sala Polivalente e Zona de esplanada

F9. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila | Acesso Rampeado e Paragem de Minibus

INTRODUÇÃO

Na procura do conceito de paisagem e do que este abrange, surgem diferentes definições de acordo com vários temas disciplinares. A construção da paisagem é objeto de um processo cultural e também de um processo natural. Ela é um espaço que nasce da relação entre um território geográfico e um grupo social que o reivindica. Este espaço contém vestígios do passado e é único. É o grupo social que reivindica também a história e memória do território. Assim, na interseção destes temas, a paisagem, enquanto território, área, espaço percetivo pelas pessoas, é o resultado da ação e intervenção de fatores naturais e/ou humanos.

O território tem de se gerir como um todo, como um conjunto múltiplo de oportunidades que implicam a proteção dos recursos naturais, o ordenamento da ocupação urbana, a qualificação da paisagem, a dinamização do setor do turismo, a promoção de atividades compatíveis com a conservação da natureza e a criação e/ou melhoramento das acessibilidades ou de infraestruturas básicas.

Esta dissertação apresenta uma proposta de intervenção no território de Manteigas, com o objetivo de aproximar a vila a diferentes regiões da Serra da Estrela. Para isso foi realizada uma reflexão sobre o tema da rua, o espaço público, a requalificação urbana e a paisagem, seguida do levantamento e análise de documentos e elementos gráficos.

Este estudo foi organizado segundo diversas abordagens. Primeiramente, foi realizado um enquadramento geográfico da vila de Manteigas no Vale da Serra da Estrela. Deste enquadramento foram analisados documentos (escritos, gravuras, desenhos, fotos) que se focam na origem, formação, história e evolução do local. De seguida, foi feita uma abordagem urbanística com base no estudo de planos do local, incluindo planos urbanísticos, redes de infraestruturas, circulação e mobilidade. O estudo foi também sensível a uma abordagem social,

referente à população e às deslocações no território.

O interesse neste lugar surgiu no seguimento de um estágio (PEJENE - Programa de Estágios de Jovens Estudantes do Ensino Superior nas Empresas) na divisão de planeamento, obras e urbanismo da Câmara Municipal de Manteigas, durante Julho – Setembro de 2014, enquanto estagiária na área de arquitetura.

No âmbito do estágio, foi desenvolvido um projeto para a Semana Europeia da Mobilidade que constituiu o estímulo para a proposta desenvolvida nesta dissertação. O programa do trabalho do estágio incidia sobre os temas da mobilidade e do espaço público.

Na proposta aqui apresentada, é proposta uma intervenção no território da vila de Manteigas que visa o desenvolvimento e melhoramento do espaço público, assim como uma requalificação urbana que é sensível às questões da mobilidade. Esta proposta está assente no tema da conectividade que é a linha segundo a qual se desenvolve todo o projeto. Com base em dois projetos estruturantes que intervêm a duas escalas diferentes, a proposta parte do Plano de Pormenor da Penhas Douradas e tem como objetivo articular Manteigas com diferentes regiões da Serra da Estrela.

1. Paisagem Urbana. Espaço Público. Rua.

1.1. Ler e perceber a paisagem

1.1.1. Conceito

A paisagem é um conceito com múltiplos significados e a sua definição surge da experiência e vivência de cada indivíduo. Enquanto algumas pessoas se referem à paisagem como um espaço físico, outras referem-se a uma construção social repleta de associações culturais e simbolismos de origens diversas. Toda a paisagem pode ter uma imagem simbólica: de origem natural, como um curso de água ou os ramos de uma árvore; ou de origem artificial, construída, como um edifício, um muro ou o revestimento de uma casa. A compreensão da paisagem é uma interseção entre emoções, o inconsciente e a cultura, onde esta estabelece os códigos de leitura e os valores que influenciam o modo como a imagem da paisagem é percebida e entendida por cada um. A definição de Paisagem é, pois, complexa e tem subjacente diferentes leituras, consoante os tempos, os lugares e a formação e entendimento de cada sujeito, evocando a sua cultura e cada pedaço de memória.

Desde a origem das civilizações que a paisagem está associada à pintura ou à escrita, sendo lida e interpretada como uma obra de arte e como uma representação da natureza. Desde sempre, a ideia de paisagem foi utilizada para enaltecer a beleza de certos locais ou como sinónimo de área a ser protegida¹, vista como um objeto de contemplação.

Com o passar do tempo a definição de paisagem muda e deixa de ser apenas um objeto de contemplação que acrescenta beleza ao lugar na ordem do natural,

1 De acordo com o ICNF, no âmbito nacional, “Entende-se por Paisagem Protegida uma área que contenha paisagens resultantes da interacção harmoniosa do ser humano e da natureza, e que evidenciem grande valor estético, ecológico ou cultural. A classificação de Paisagem Protegida visa a proteção dos valores naturais e culturais existentes, realçando a identidade local, e a adoção de medidas compatíveis com os objectivos da sua classificação”

para ser uma temática que vale por si. Vale enquanto entendimento do meio ambiente com valores próprios. Não é somente um parque, um jardim, um espaço verde, mas é também um espaço urbano, uma cidade, uma paisagem urbana ao invés de uma paisagem natural. No entanto, é ainda assim paisagem. A paisagem é base conceptual para qualquer ambiente e integra os espaços construídos e/ou naturais, os cheios e os vazios. Por isso, integra-se no desenvolvimento urbano ou rural. A ação sobre as paisagens pode originar um conjunto de decisões, positivas ou negativas, que modificam a qualidade e os usos do espaço.

1.1.2. Observação e percepção

A ideia de paisagem depende da percepção humana que é espontânea e intuitiva no reconhecimento e identificação dos elementos do território. Isto é o resultado de um longo legado de ações e interações. Embora seja um derivado da combinação de fatores naturais e humanos, também pode ser um produto social ou natural.

Como tal, as condições de observação também interferem na leitura da paisagem, ou seja, a posição do observador, a duração da observação e a deslocação do observador que introduz movimento na percepção, ritmo e sequência. (LOISEAU, 1993:57)

No movimento do observador vão surgindo diversos planos, como consequência da sua deslocação, sobre o território. Surge, nesta sequência e como consequência, uma sucessão de planos que revela a apropriação do espaço no decorrer do movimento e observação. Deste modo, o olhar daquele que observa ajusta-se ao valor da distância e da profundidade. Em espaços amplos, o olhar avalia a altura de um topo montanhoso por comparação a outro topo e, numa cidade, avalia um espaço pela polaridade entre a circulação das pessoas e veículos, dos cheios e vazios. São diferentes as informações que indicam a profundidade do

campo visual: textura, materiais, luzes, sombras, cores e a presença (ou não) de um primeiro plano. A avaliação do tamanho ou da distância é feita pela relação a um objeto familiar que o cérebro identifica.

Nestes cenários construídos, a visão identifica os cheios e vazios do local e a presença de diferentes planos através de escalas visuais, que determinam a noção de horizonte, a extensão e os limites do campo visual. Na percepção dos “negativos” de um espaço urbano, surgem os princípios de ocupação do solo, diferentes tipos de construção e de lógica de implementação, repartição das massas construídas pelo solo e espaços livres.

Como tal, para perceber um local é essencial encarar o território focando o olhar em múltiplos ângulos, analisá-lo em diversas escalas, introduzir o “movimento”, integrar os ciclos próprios da paisagem e compreender as condições históricas que foram dando forma à paisagem visual (fator tempo e espaço).

Apesar do desejo humano de reter o que lhe é familiar, a mudança das paisagens culturais é inevitável. Estas forças de mudança podem ser poderosas e externas (como causas naturais, modificações climáticas). De modo a manter e a reter o seu reconhecimento, é por vezes necessário mudar e reafirmar as qualidades locais.

1.1.3. Categorias de paisagem

Segundo Paul Selman (2006:9), há um decréscimo do natural no conceito de paisagem. A paisagem é um conceito geral e abrangente que se vai fragmentando com o diminuir do carácter natural. Como tal, a paisagem subdivide-se em duas categorias, paisagem natural e paisagem cultural. A paisagem natural é constituída por habitats e ecossistemas naturais. A paisagem cultural divide-se em paisagens rurais modificadas e em paisagens construídas, sendo a paisagem construída o extremo da artificialidade.

As paisagens rurais modificadas são uma situação intermédia entre o extremo do natural e o extremo do artificial. Diferentes paisagens recaem nesta categoria, havendo variações na sua estrutura e forma, na sua função, no seu valor e significado. Como tal, em relação à estrutura e formato, ou seja, a aparência paisagística com características naturais e culturais, temos como exemplo caminhos ou campos de cultivo. Em relação à função, ou seja, serviços ambientais e funções culturais e económicas, temos como exemplo a biodiversidade e ecossistema, a produção agrícola, o fornecimento de água, o local onde se trabalha, onde se vive e o que se visita. E em relação ao valor e significado, ou seja, valores inatingíveis e de mercado, temos como exemplo o valor cultural, histórico, espiritual, existencial, a atração económica e valores de produção, conservação e consumo.

A paisagem cultural é obra do homem e reflexo da sua cultura pois é ele que a modela e transforma de acordo com os seus valores estéticos. Ela é produto das relações que a sociedade estabelece com a natureza. Estas relações podem surgir como valores naturais ou culturais, ou como físicas através de uma ruga no território. Da intersecção do cultural com o natural surge a herança patrimonial.

No Guia de Princípios para um desenvolvimento espacial sustentável do continente europeu, do CEMAT², foram definidos seis elementos chave que compõem a herança rural europeia: organização espacial, paisagens agrícolas, canais de comunicação, edifícios, espaços privados e atividades económicas.

A perceção de uma paisagem não se resume ao visível. O mesmo sucede na noção de limite espacial, na organização do espaço e nas suas distâncias. A noção de limite do território é definida pelos valores culturais e sociais.

2 CEMAT - Council of Europe Conference of Ministers responsible for spacial/regional planning (2003)

Pessoas de diferentes culturas falam diferentes línguas e habitam diferentes mundos sensoriais. Cada pessoa possui então um filtro cultural que faz uma seleção da informação, apropriando-se de umas coisas e rejeitando outras. Numa ação de mútua transformação, a dimensão cultural molda o homem e o seu meio.

O conceito de limite da distância social é estabelecido através de uma distância psicológica, pois este não é um limite físico mas antes sensorial, composto por regras que mudam consoante a cultura. Regras impostas socialmente ditam o nosso comportamento e ações. Uma ação pode ser aceitável e correta num país e errada noutra. O mesmo sucede com a questão dos limites da distância social. Por exemplo, numa conversa frente a frente entre dois indivíduos, o seu modo de atuar, falar, a ausência ou presença de gestos, serão diferentes consoante o local onde esta decorre. Aqui a cultura é um fator importante na definição da distância do espaço público, do social e pessoal. As delimitações territoriais são atos políticos, administrativos, sociais e culturais. O entendimento do espaço e das distâncias não é estático, pois a sua perceção está ligada ao movimento e é, conseqüentemente, dinâmico.

1.1.4. Paisagem e território

A paisagem não é uma escultura nascida de um ato de organização de espaços e volumes e mas sim uma coleção de fragmentos topográficos. Este é um processo urbano que nunca está completo pois o território está em permanente transformação. O território, como extensão da superfície terrestre onde a paisagem humanizada e a paisagem natural adquirem características figurativas, é manipulado por operações de ordem arquitetónica e urbanística. O território é o resultado de diversos acontecimentos (naturais e/ou resultantes da ação humana) que por um lado se modifica espontaneamente, devido à instabilidade terrestre, e por outro é objeto das intervenções humanas, que o tornam num espaço que se remodela continuamente.

Desde o momento em que uma povoação ocupa o território, estabelece com ele uma relação cujo resultado pode ser observado pela ordenação e planificação que surge como consequência da sua coexistência. Os habitantes de um território modificam-no como consequência da sua sistemática exploração. No uso do território, o homem cria ordem e o seu objetivo varia consoante a época e a cultura. Esta relação de apropriação do território nunca é apenas de natureza física pois põe em prática políticas e intenções. Na configuração de um determinado lugar, há uma porção do solo onde as suas condições naturais originais são modificadas. Há uma construção que nasce, de um caminho ou do cruzamento de caminhos, e que se desenvolve. O território é (objeto de) uma construção. O sítio torna-se lugar, o lugar torna-se cidade e com a cidade surge uma nova paisagem. A razão de ser das cidades, mais do que o local que ocupa, deve-se à atividade dos seus habitantes e a sua área de influência depende do grau do seu desenvolvimento (de ordem funcional, económica e social) e da sua integração. Como resultado de sucessivos processos históricos, a morfologia urbana é o reflexo da organização do espaço urbano contida no plano de uma cidade. Esta está organizada por uma rede urbana primária, composta por uma hierarquia de vias, espaços públicos e outros espaços não edificados. Aqui estamos perante uma hierarquia urbana que tem implícita a existência de regras, e por isso, de políticas urbanas e planeamento para estabelecerem princípios de ordenamento do território. O território comporta particularidades e forças mas, em cada época, serão as ideologias e as intenções do momento que o irão definir e dar forma.

A cidade é paisagem. No intercâmbio entre o urbano e o rural, o artificial e o natural, estão presentes na paisagem diferentes elementos e estruturas. A cidade é um princípio de organização e representação do espaço, fixando os valores da sociedade que a produziu. O estudo da sua configuração e estrutura - a sua morfologia - concentra-se nas suas formas e articulação dos seus elementos físicos no meio urbano.

Numa operação de intervenção territorial, é importante conhecer os vestígios pré-existentes no território antes de intervir e ter em consideração que podem ser utilizados como elementos, pontos de apoio, estimulantes no planeamento. Todos os acidentes no território podem ter um significado cultural, social, político. Compreendê-los possibilita uma intervenção mais informada, tirando partido ou corrigindo estes acidentes. Cada território contém vestígios passados e é único. Na requalificação de um território, as intervenções refletem as escolhas da sociedade, independentemente da origem do processo de evolução desse território.

O planeamento é instrumento e resposta onde a qualidade de vida poderá aumentar e/ou ser afetada pelo desenvolvimento dessas decisões. É importante que as pessoas se envolvam neste processo, de modo a que reconheçam os espaços, se possam identificar com eles e mais tarde haja apropriação dos mesmos.

Para saber o que funciona e o que não funciona é preciso sair e caminhar pelas ruas. Conforme a autora JACOBS (1958:142) "You've got to get out and walk.". A maneira de verificar qual o melhor modo de utilização do espaço é ir ao terreno e verificar que usos as pessoas lhe dão, procurando as suas forças, explorando-as e reforçando-as. São as pessoas que fazem a cidade, pois esta pertence-lhes.

Segundo CERTEAU (1988:98), "the walker transforms each spatial signifier into something else." Ao caminhar, uns lugares tornam-se mais importantes do que outros, em função do relacionamento que o homem estabelece com eles. Estes são vividos pelo sujeito que os percorre e que lhes atribui relevância e novos significados. É estabelecida uma relação simbólica e ambígua onde o andar deve ser pensado, assumindo um significado que não é visível no espaço, mas sim através do seu uso. Cada indivíduo atribui a determinado espaço um valor único. Diferentes indivíduos atribuem diferentes valores ao mesmo espaço. É por isso importante considerar esta relação, que se estabelece entre os indivíduos e os

lugares, e o seu valor.

1.1.5. Abordagem e processo

O processo de compreensão da paisagem, através da visão e pela junção de simulações sensoriais e de atitudes individuais, é anterior à abordagem técnica do projeto. Essa abordagem repousa sobre numa análise do local e no conhecimento de fatores plásticos e culturais que o vão condicionar.

No estudo e projeção de paisagens há quatro passos que devem ser seguidos, segundo Sébastien Marot (1999:45-56). Primeiro, proceder à leitura do local: observar o terreno e o espaço público como uma expressão da cultura (como um palimpsesto), analisando todas as atividades que contribuíram para a forma desta paisagem em particular. Segundo, começar a preparação para as novas condições, ou seja, a construção da paisagem como um processo em vez de um produto. Consequentemente, cada projeto deve assumir o papel de uma estratégia que prepara para as condições futuras. Terceiro, a sequência tridimensional que consiste numa crítica aos limites da visão, especialmente dos pontos de vista, planos e perspectivas. Por último, as relações estruturais, referentes à atenção que se deve dar aos limites, áreas adjacentes, arredores e envolvente. Estas relações são constituídas por transições, sequências e ligações visuais, e é a combinação destas articulações que cria o sentido geral do local.

É importante que haja uma compreensão global da paisagem urbana pois ela é o resultado de uma evolução contínua de uso e organização de espaço. Esta modifica-se como um organismo vivo. A observação dos fatores de variação de paisagens em confronto com as atividades humanas faz com que surjam relações sistemáticas que estabelecem os seus componentes.³

3 Veja-se a este respeito as ideias defendidas por LOISEAU (1993) em *Le paysage urbain, Paris: Sang de la terre*, p. 36

A paisagem urbana possui características próprias. Kevin Lynch (2011:51) distinguia como elementos principais na leitura da cidade: as vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os elementos marcantes.

Na identificação destes elementos, a leitura do local é feita através da observação do terreno e do espaço público como um palimpsesto que evidencia todas as atividades que contribuíram para a forma dessa paisagem em particular.⁴ Por necessidade, o Homem procura nela uma imagem que possa identificar. É assim estabelecida uma imagem como consequência do seu tempo, da sua história e da sua experiência.

4 Veja-se a este respeito as ideias defendidas por MAROT (1999) em “The reclaiming of sites” , *Recovering landscape. Essays in contemporary landscape architecture.*, Land & Scape Series 6, Barcelona; Gustavo Gili, p.45

1.2. Espaço público

*Uma boa arquitectura garante uma boa interacção
entre o espaço público e a vida pública. GEHL (2013:2)*

O espaço público é diferenciado do espaço privado através de regras de acesso, do controlo da entrada dos indivíduos em determinado espaço.

A noção de espaço público varia consoante as diferentes sociedades, sítios e tempo, e a questão da relação entre espaço público e esfera pública é levantada quando o espaço público surge como expressão da sociedade, mas não se contém nela. Isto evidencia a ideia de que, na utilização do termo “público”, há uma preocupação geral de transformação que não se restringe a relações políticas, sociais, económicas e históricas. O espaço público é ponto de partida para o crescimento pessoal e cultural e um local onde as pessoas são confrontadas com o inesperado.

No estudo da cidade, o espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. O espaço urbano, fragmentado e/ou articulado, reflexo do social, surge como resultado de uma soma espacial (que considera vários fatores e usos do território) e do conjunto da organização espacial da cidade ou do espaço urbano fragmentado. A leitura da cidade e a sua análise e compreensão revelam o território, a estrutura, a sua composição e rede urbana. A rede urbana é composta por elementos que se relacionam por atuarem entre si. No entanto, esta rede é uma abstração, pois alguns destes elementos não contêm materialidade. Estas abstrações são criadas para racionalizar a perceção das coisas. É um conceito que ajuda a estruturar relações entre áreas urbanas e que no fundo

se resume a linhas e nós, a caminhos e a intersecções.

A abordagem ao desenvolvimento urbano responde a desafios criados pelo tempo, à realidade do momento, uma resposta às necessidades da sua época. O interesse pelo desenho do espaço público foi demonstrado ao longo dos tempos e como consequência foram produzidos diversos documentos teóricos sobre esta temática. A configuração espacial e as necessidades a que o espaço público responde priorizaram diferentes elementos consoante a sua época, chegando a valorizar elementos opostos nas diversas teorias propostas.

As ruas são valorizadas com foco nas vias partilhadas entre o peão e o veículo, motorizado ou não. As ruas pertencem às pessoas e é para elas que estas devem ser desenhadas. Não são exclusivas para uso pedonal, nem exclusivas dos veículos motorizados. Com uma presença cada vez mais forte nos núcleos urbanos, os carros conquistaram as ruas progressivamente. O espaço público sofreu alterações para responder às necessidades que este (novo) elemento foi introduzindo. As ruas tornaram-se mais largas, criaram-se estacionamento e reduziu-se o espaço para uso do peão, em suma, foi criada uma nova dinâmica urbana.

Após a industrialização, uma parte da população migrou para os centros urbanos, deixando as zonas rurais. Os centros urbanos foram crescendo, aumentando a sua área e resultando na sobreposição entre estes limites e os rurais, consequentemente, no desaparecimento dos limites das cidades. As ruas sinuosas das cidades medievais sentiram a pressão criada pela esquadria rigorosa de novas exigências funcionais introduzidas no planeamento urbano. Porém, com o modernismo, e a introdução dos carros como principal meio de deslocação no séc. XX, é que houve uma quebra definitiva entre as estruturas tradicionais da cidade, baseadas nas ruas e nas praças. A cidade metropolitana revela novas preocupações. Le Corbusier construiu com simplicidade e complexidade ao pro-

jetar. Parte das suas ideias foram incorporadas na Carta de Atenas, manifesto de planeamento urbano moderno, e esboçado no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) em 1933 em Atenas. É com a sua ideologia que é marcado o fim do binómio rua-edifício, na defesa da autonomia do edificado face à rua que passa a via ou autoestrada. Há uma substituição por um novo binómio, por uma nova relação entre o edifício e o parque. A superfície do parque e a cobertura jardim são possíveis devido às novas técnicas modernas e estas tornaram-se num elemento da habitação e de ligação com a cidade.

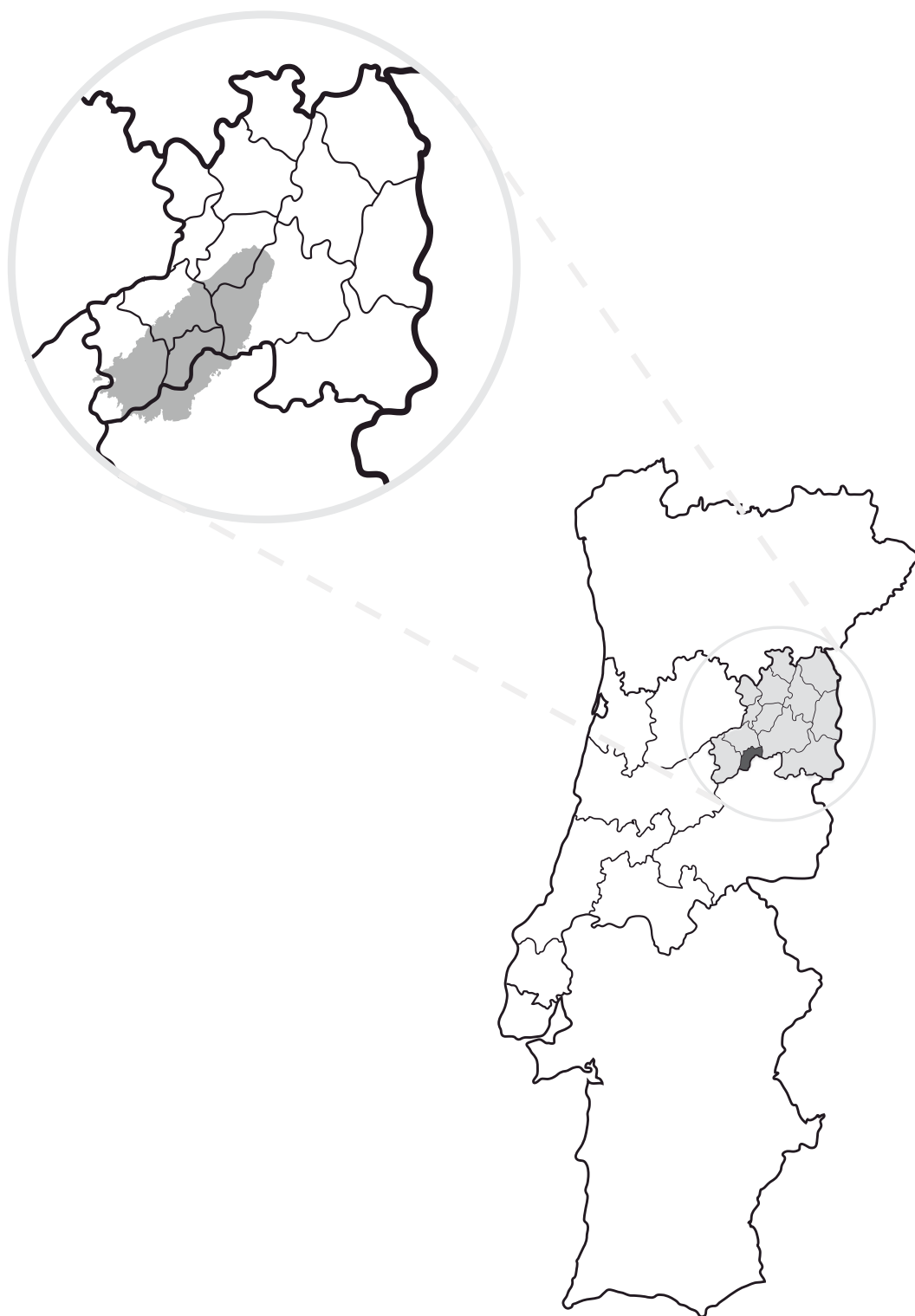
Num pensamento distinto ao da cidade funcional, Jane Jacobs defende uma cidade viva. É através dos seus relatos, fruto de observação das ruas de cidades como Nova Iorque, Chicago, Boston, etc., que construiu uma crítica ao planeamento urbano moderno, numa altura em que o tráfego automóvel dominava cada vez mais a cidade. Defendendo a alta densidade das ruas dos grandes centros urbanos, focando-se na temática da segurança, considerando também a integração das crianças e a acessibilidade e criticando a divisão da cidade em zonas residencial, recreativa e comercial, pois considerava que isto destruía a vida social das cidades.

Tendo como base o princípio de que as ruas são espaços públicos para as pessoas e artérias para o tráfego e transportes, esta cimenta táticas e técnicas e age como um catalisador da transformação pública. O seu desenho deve ir ao encontro das necessidades das pessoas que caminham e conduzem, tudo isto contido no mesmo espaço. O seu desenho poderá adicionar também valor aos negócios, escritórios e escolas que se localizam ao longo da rua.⁵

As ruas desempenham um papel fundamental na vida pública das cidades e comunidades. As ruas são feitas com os edifícios e com os passeios. As estradas e

5 Veja-se a este respeito as ideias defendidas em Urban Street Design Guide

os passeios, sendo o espaço central do espaço público nas cidades, são os seus órgãos vitais. As ruas são flexíveis, permitem que sejam alteradas e readaptadas à realidade e às necessidades do local e dos seus habitantes. Um espaço que pode ser utilizado para diferentes propósitos, como estacionamento, via e/ou passeio, pista para bicicletas. Acima de tudo, deve-se apostar num desenho sensível à segurança dos habitantes, para que seja possível caminhar, estacionar, ir às compras, andar de bicicleta, trabalhar e conduzir, circulando com segurança. É visível, em qualquer núcleo urbano, um claro domínio dos parques de estacionamento e do tráfego, que criam situações de insegurança para os peões, especialmente para crianças, havendo uma quebra na interação social.



(1) Localização de Manteigas no distrito da Guarda e no PNSE, em relação com os restantes concelhos do distrito

2. Manteigas, o coração da Serra da Estrela

2.1. Análise

2.1.1. Contextualização histórico-geográfica

O concelho de Manteigas está inserido, na sua totalidade, no Parque Natural da Serra da Estrela. Manteigas é sede de concelho e faz fronteira com os concelhos de Seia, Gouveia, Guarda e Covilhã. Devido à acentuada variação topográfica da serra, as acessibilidades foram sempre um desafio. É atravessado pela estrada nacional EN232, principal via de comunicação que liga os concelhos de Belmonte, Manteigas, Gouveia e Mangualde, e pela EN338, que liga Manteigas às Penhas da Saúde, servindo o acesso à Covilhã e a Seia. O concelho pertence ao distrito da Guarda e é composto por quatro freguesias: São Pedro, Santa Maria, Sameiro e Vale de Amoreira.

No ano de 1188 foi-lhe atribuído foral por D. Sancho I e a 4 de março de 1514, D. Manuel I reformou o foral da vila de Manteigas, “uma medida que visava incentivar o povoamento em terras de difícil acesso e desenvolver culturas pouco rentáveis.” (GASPAR, 2013:150)

Segundo João de Almeida (1945), a origem de Manteigas remonta para ao neolítico ou ao tempo dos romanos, como atestam numerosos vestígios encontrados neste território. A vila está “ligada à Guarda por uma estrada militar (romana) que passava pelo castro de Maçaínhas” (ALMEIDA, 1945:254) e possui uma igreja que serve hoje de igreja matriz da freguesia de Santa Maria. Pela sua localização e riqueza, João de Almeida (1945:255) afirma ainda que “Manteigas consti-



(2) Vista aérea da vila de Sameiro



(3) Vista aérea da vila de Vale de Amoreira

tuiu sempre um centro de grande importância militar e política.”⁶

Até 1260, Manteigas era constituída por uma única freguesia, a freguesia de Santa Maria, e em 1320 passou a duas, juntando-se a freguesia de São Pedro, sabendo-se, através do foral de Seia de 1136, que o espaço ocupado pelo concelho de Manteigas tinha nessa altura uma escassa população.⁷

O concelho de Manteigas possui atualmente uma população de 3430 habitantes: 343 habitantes na freguesia de Sameiro, 1418 habitantes na de Santa Maria, 1446 habitantes na de São Pedro e 223 na de Vale de Amoreira.⁸

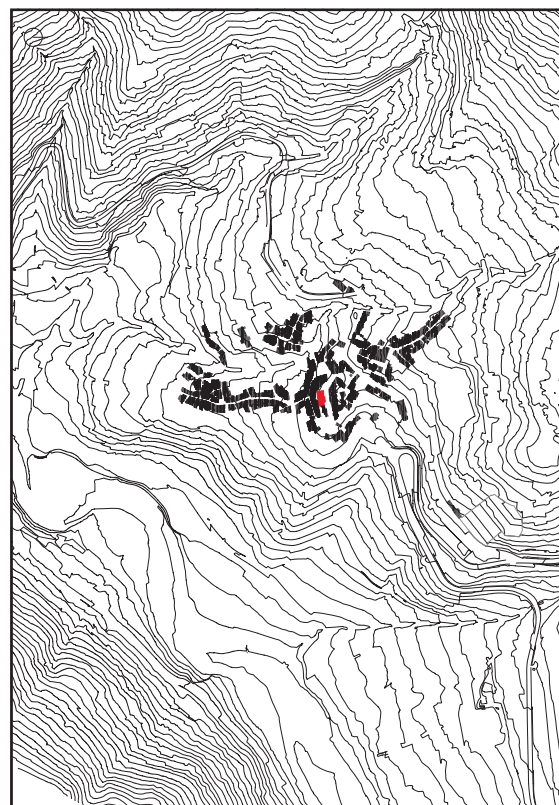
O concelho é atravessado por três cursos de água, de norte a sul pela ribeira das Fronhas e pela ribeira da Vila e a sul pelo rio Zêzere. O rio Zêzere nasce perto do Cântaro Magro, na Serra da Estrela, passa por Manteigas, e desagua no rio Tejo. Atravessando as ribeiras e o núcleo central da vila, encontram-se as ruas principais: a Rua Dr. Sobral e a Rua 1º de Maio. O centro histórico de Manteigas, núcleo central característico das cidades medievais portuguesas a nível comercial, administrativo e religioso, tem as restantes ruas muito estreitas, com pavimentos irregulares, com casas em granito e xisto, altas para a largura das ruas.

6 O foral de Gouveia (Fevereiro de 1186) menciona como limites Linhares e Folgoso, a nascente, e Seia, a poente. Sabe-se através de outros documentos (de 1122) que Gouveia e Seia partilham o rio Bandoiva. É confrontado a norte pelo Mondego com Mangualde. Em relação a sul, não foram apresentados quaisquer confrontos, o que indica que o terreno se encontrava livre para expansão de área. Mais tarde, Manteigas formou-se nesta área de terreno livre.

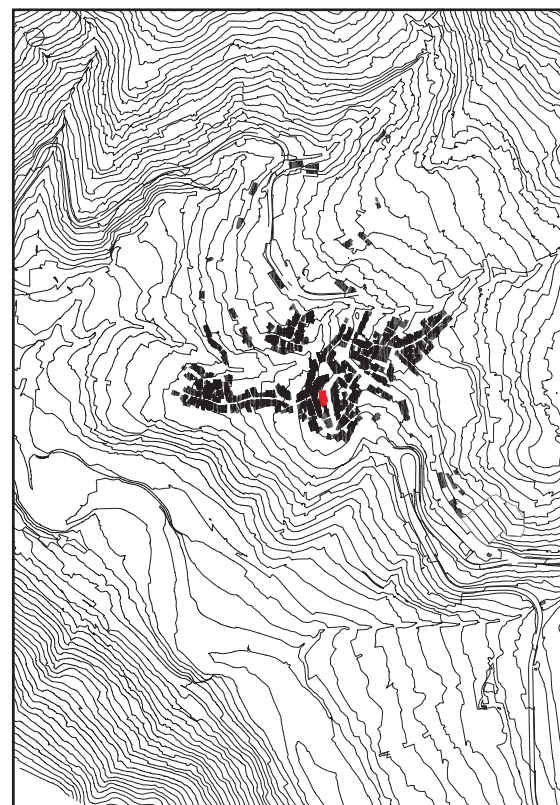
Não consta que tenha sido publicado o foral concedido por D. Sancho I porém, existe uma referência no novo foral de D. Manuel I (1514). No foral da Covilhã (Setembro de 1186) encontram-se referências ao futuro concelho de Manteigas. Dos restantes documentos, não se conseguiu recolher muita informação sobre o concelho de Manteigas, apenas que se situava no centro da Serra da Estrela e que o seu povoamento terá sido mais tardio do que nos outros concelhos.

7 p. 25, BATISTA, José David Lucas, *O povoamento da Serra da Estrela de 1055 a 1223 e outros estudos*

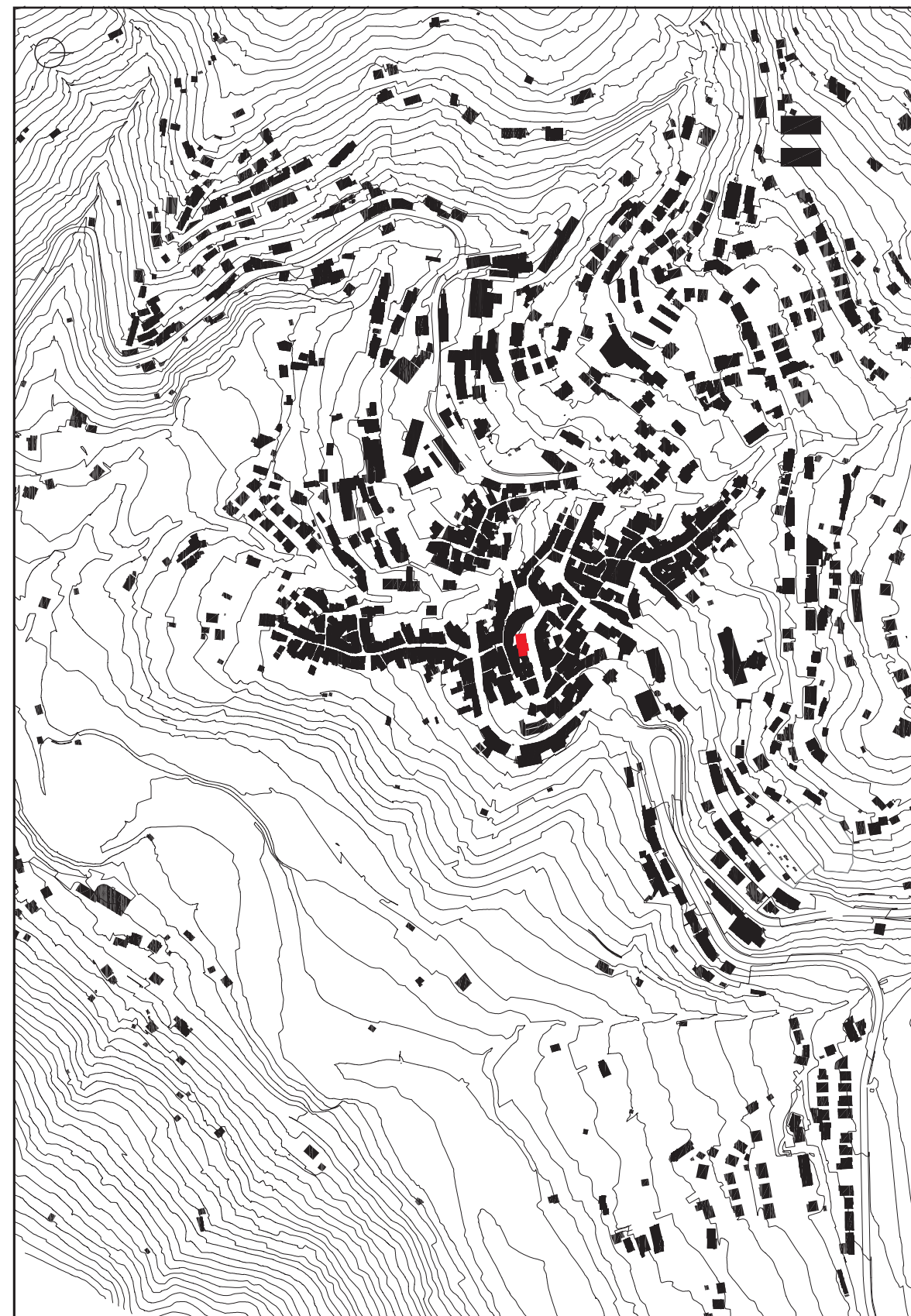
8 Valores, do total de habitantes, retirados dos Censos 2011. Veja-se a este respeito o declínio populacional do total de habitantes ao longo dos anos no concelho de Manteigas: em 1991, um total de 4192 habitantes; em 2001, 4094 habitantes; em 2011, 3430 habitantes.



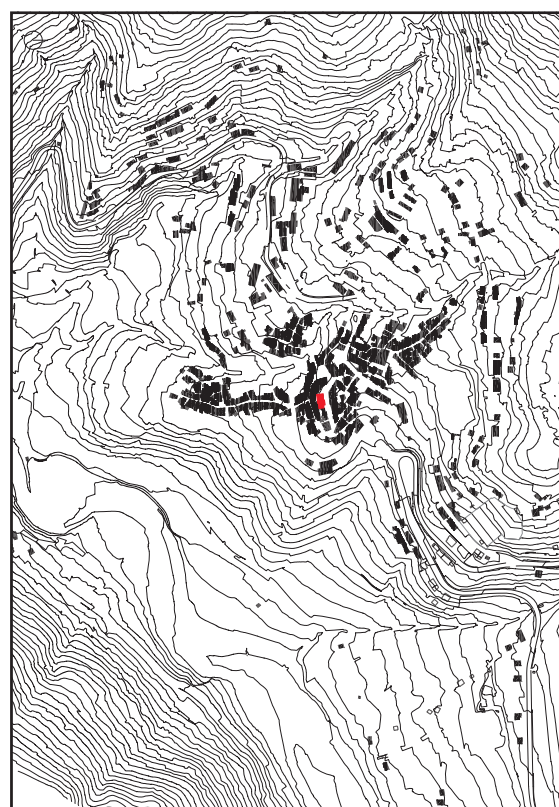
1910's



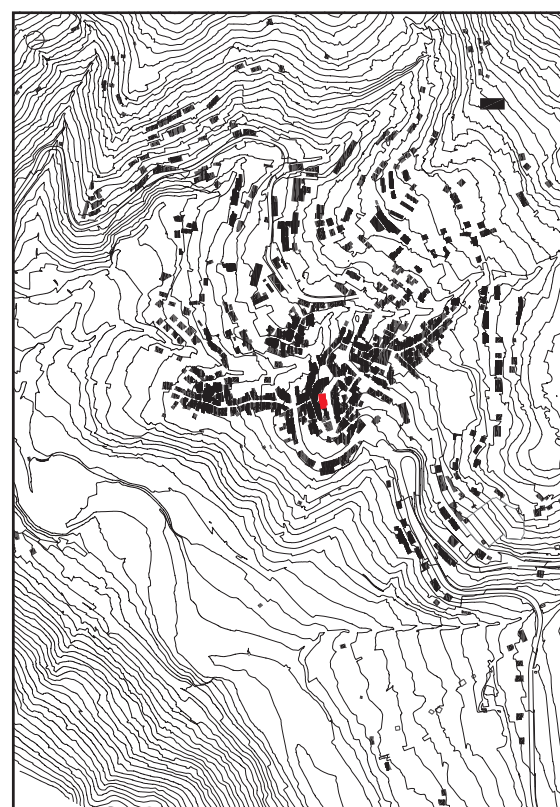
1920's



Actual



1980's



1990's

(4) Evolução urbana da Vila de Manteigas

■ Igreja da Misericórdia

2.1.2. Crescimento e evolução urbana

Existe pouca cartografia e outro tipo de peças desenhadas e escritas sobre Manteigas, por isso apenas é possível construir uma evolução urbana da vila a partir de 1910.⁹

A figura 4 representa o crescimento urbano da vila. A vila iniciou o seu desenvolvimento em torno da Igreja de São João Baptista, atual Igreja da Santa Casa da Misericórdia. As habitações foram sendo ao longo do tempo edificadas formando uma malha urbana irregular, que cresceu adaptando-se ao relevo da topografia. Este núcleo urbano compacto, considerado agora como o centro histórico da vila, é um espaço de difícil acesso automóvel pois as ruas são íngremes e de largura reduzida. Ruas que são vividas pelos seus cidadãos numa base diária. Ruas que são palco de vivências e interações sociais.

Na década de 1920, o crescimento foi pouco expressivo e concentrou-se na consolidação do núcleo urbano até então estabelecido e em algumas construções pontuais a Oeste (do centro) e em algumas a Este, junto do Cemitério Municipal. Assim, a malha do centro consolidou-se por extensão seguindo uma morfologia análoga à pré-existente.

Nos sessenta anos seguintes, a vila cresceu muito além dos limites do centro histórico, principalmente ao longo do vale, seguindo a Rua de Benguela, a norte, até à Rua de Santa Maria, e junto da Estrada Nacional N232.

Em 1990, a vila de Manteigas manteve a mesma densidade urbana que tinha na década anterior, apenas sofrendo algumas alterações no núcleo central, sob a volumetria de novos bairros que vieram ocupar alguns vazios presentes na malha urbana. O fundo da vila, até à altura delimitado apenas por construções já

9 Veja-se a respeito as figuras 23-28 disponíveis nos anexos.



(5) Vista aérea de Manteigas no vale do Zêzere



(6) Vista aérea da vila de Manteigas

edificadas existentes pelo menos desde 1911, obtêm novos limites.

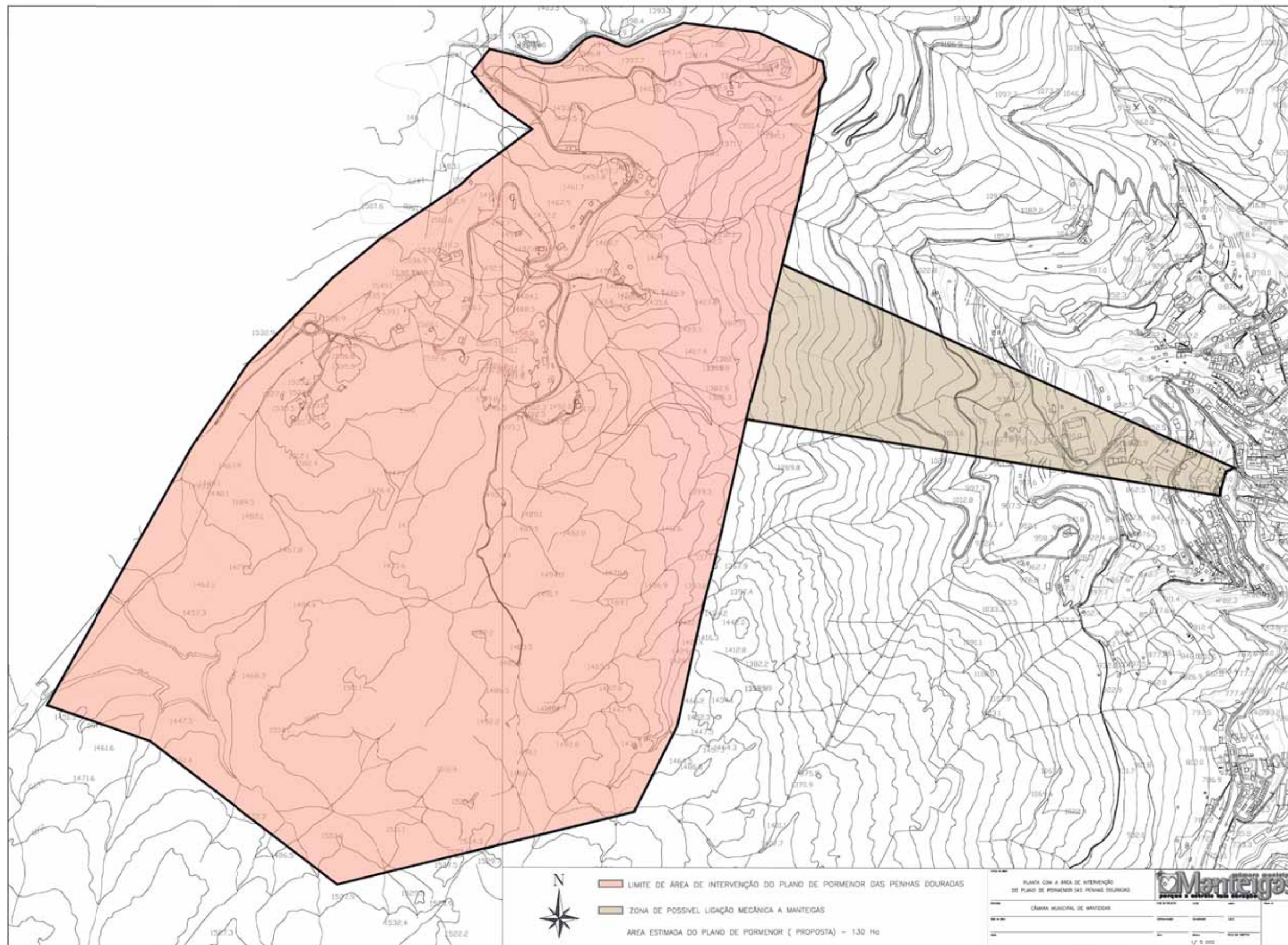
A restante evolução da vila tem-se vindo a formar desde 1990 até aos dias de hoje, sendo evidente uma complementaridade do edificado na malha já existente, assim como a Norte e a Este da mesma.

2.1.3. Instrumentos de gestão territorial

A estratégia e os objetivos da proposta desenvolvidos nesta dissertação foram definidos com base numa leitura crítica da situação existente e dos I.G.T. vigentes (Plano Diretor Municipal (PDM) de Manteigas; PEDI - Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal) e em desenvolvimento (Plano de Pormenor (PP) das Penhas Douradas).

O PDM de Manteigas propõe uma estratégia de desenvolvimento assente em cinco eixos: no desenvolvimento de empresas e produtos locais e na promoção do empreendedorismo; na valorização do ambiente natural, turismo, energias renováveis e uso eficiente dos recursos; na fomentação da indústria sustentável e regeneração de áreas industriais abandonadas; na promoção da equidade social e emprego, vitalidade e regeneração e inovação urbana; e na qualificação da mobilidade e acessibilidades.

O Plano estratégico de desenvolvimento intermunicipal (PEDI) - Beiras e Serra da Estrela 2020 - define uma visão estratégica. Por um lado, tem por objetivo um enquadramento alinhado com os princípios comunitários e com os requisitos nacionais e, por outro lado, a utilização deste para financiamento de projetos locais. A estratégia define três prioridades: um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo. Um crescimento inteligente: de modo a melhorar a qualidade da educação e fortalecer o desempenho da investigação, a promoção da inovação, da transferência do conhecimento e a utilização de todo o potencial das TIC. Um crescimento sustentável: ao introduzir soluções tecnológicas que possibilitem



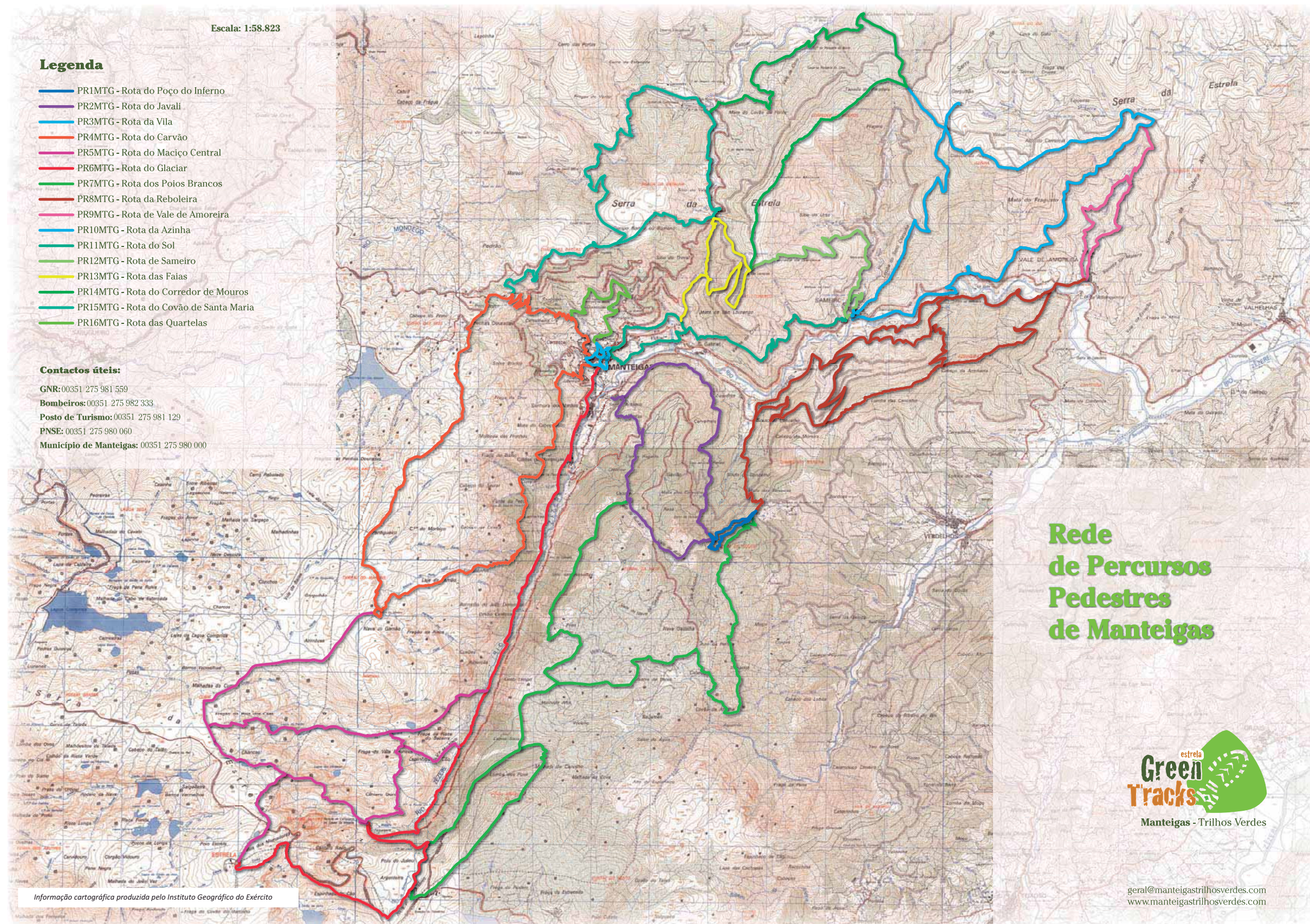
(7) Planta com área de intervenção do P.P. das Penhas Douradas, sem escala

combinar o cumprimento das metas de redução de emissões com o aumento de competitividade e redução de custos energéticos. Um crescimento inclusivo: com a fomentação de uma economia de empregabilidade elevada, marcada pela coesão territorial e social.

A conclusão da elaboração do P.P. das Penhas Douradas (figura 7) deverá concretizar-se durante o primeiro semestre de 2017 e visa criar uma estância de montanha com o objetivo de promover o turismo no concelho, criando assim emprego e oportunidades para fixação da população local, e de divulgação da paisagem, cultura, património e tradições da região. O programa desta estância é composto pela implementação de um meio mecânico entre Manteigas e Penhas Douradas e de alguns equipamentos. Está prevista uma zona de chalets e hotel com um centro de bem-estar, uma praça com comércio e serviços. Associados a estes, também se prevê um parque temático e aldeia sustentável, um centro de treino de alto rendimento e infraestruturas básicas ecoeficientes.

Para além do P.P. Penhas Douradas, está também prevista a elaboração dos P.P. do Covão da Ponte, do Covão d'Ametade e da Relva da Reboleira. Estes P.P. deverão enquadrar espaços naturais nos quais se prevê a realização de investimentos que visam o seu aproveitamento e gestão a nível turístico. Assim, durante 2017, será desenvolvido um P.P. para a Relva da Reboleira para a possível construção de empreendimentos turísticos e uma pista de B.T.T., na vertente olímpica de XCO¹⁰.

10 XCO (cross-country olímpico) é uma categoria da prática mountain bike, com um trajecto que varia entre seis e vinte quilómetros e funciona em circuitos. É uma modalidade mais radical do que maratona (XCM) e onde as corridas são, normalmente, disputadas em grupos.



(8) Mapa da rede de Percursos Pedestres de Manteigas - Green Tracks

3. Estratégia(s) de integração e requalificação urbana “Artérias do Vale do Zêzere”

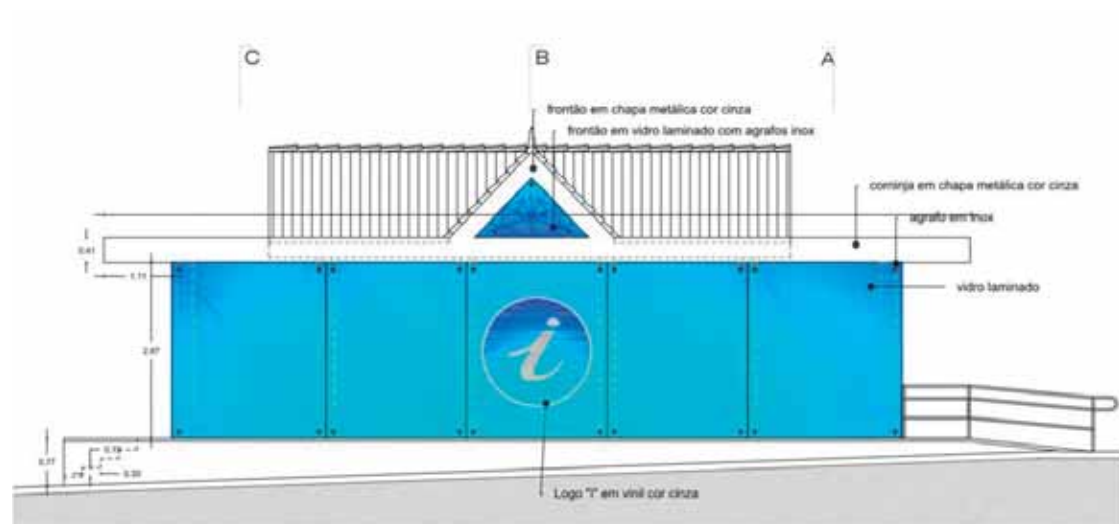
3.1. S.W.O.T.

Foi possível identificar os elementos chave para estabelecer prioridades e agir após a elaboração de uma análise S.W.O.T.. A estratégia surgiu após esta análise e da leitura crítica dos I.G.T. existentes (referidos no capítulo anterior).

Inserida no Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE), Manteigas é um território com localização privilegiada e com recursos e património natural relevantes. Os espaços verdes no meio urbano são escassos, contrastando com o meio natural da paisagem em que se insere a vila. Esta paisagem singular e diversificada tem potencial para turismo na Natureza, tirando partido da diversidade de fauna e flora e do seu património natural e histórico-cultural.

Já existentes, os trilhos pedestres e B.T.T. dos Trilhos Verdes - Green Tracks. (ver anexos), estão organizados de acordo com várias dificuldades e em cada um deles é possível conhecer um pedaço do Parque Natural. Para além do pedestrianismo e B.T.T., há estruturas de apoio a outras atividades desportivas que são praticadas na Serra, como é o caso do parapente e orientação. Outro modo de conhecer a Serra é através do CIVGLAZ (Centro Interpretativo do Vale Glaciar) que está relacionado com a interpretação da Natureza e educação ambiental.

Com características de montanha e clima agradável, existe potencial para apostar no desenvolvimento do turismo. Porém, é preciso ter atenção à competitividade resultante da proximidade das Penhas Douradas às Penhas da Saúde e à de Manteigas à Covilhã e Guarda. Ao longo dos anos, os investimentos realizados ao nível de desenvolvimento turístico, tanto em equipamentos como divulgação, têm-se focado maioritariamente na Covilhã e nas Penhas da Saúde. Manteigas e as Penhas Douradas não têm merecido investimento similar e por isso não



(9) Alçado de Manteigas Welcome Center, sem escala



(10) Posto de Turismo, antes da requalificação



(11) Manteigas Welcome Center, durante a requalificação

têm acompanhado este desenvolvimento. No entanto, as características do local onde a vila está inserida é, sem dúvida, uma qualidade forte na caracterização e no potencial deste território.

Neste momento existe investimento da parte da Câmara Municipal de Manteigas e de quatro empresas na vila. Há um investimento hoteleiro da Vila Galé, do INATEL, a requalificação da Pousada São Lourenço e, em fase de execução, o Hotel Fábrica na Quinta de Santa Clara. A Câmara Municipal de Manteigas iniciou obras na Biblioteca e no Posto de Turismo e estão previstas a execução de planos de pormenor das Penhas Douradas, do Covão da Ponte, do Covão d’Ametade e da Relva da Reboleira, no presente ano.

Também para 2017¹¹, está em curso o desenvolvimento do projeto “Passeio do Zêzere”, que acompanha o (desenho do) rio Zêzere desde o Jardim do Pego até ao Parque da Várzea, e a requalificação do Posto de Turismo e as Janelas da Entrada da Vila que reforçam o conceito de “Welcome Center de Manteigas”¹², juntamente com a instalação provisória de um quiosque no Jardim da Entrada da Vila. Estes projetos e as redes de desenvolvimento territorial estão inseridos na estratégia global de Manteigas de receber quem visita a vila. Manteigas está agregada às redes de Aldeias Históricas (figura 20 - anexos), de Aldeias do Xisto (figura 21 - anexos), de Aldeias de Montanha, de Judiarias de Portugal (figura 22 - anexos) e Estâncias Termiais da Região Centro.

Este posicionamento turístico expressa o valor da vila e da importância da sua localização no centro da Serra, assim como da possibilidade de se tornar num ponto importante de ancoragem, da parte de quem visita o Parque Natural, com

11 Acções previstas nas Grandes Opções do Plano e Orçamento, para o ano 2017, da Câmara Municipal de Manteigas

12 A obra da reconversão deste projecto, começada em 2016 e prevista que se conclua no início de 2017, tem como objectivos dar maior visibilidade e modernidade ao edifício. A sua requalificação duplica a sua área útil e prevê a melhoria da área de recepção ao turista, uma zona de espera e consulta digital, um espaço expositivo e uma instalação sanitária.

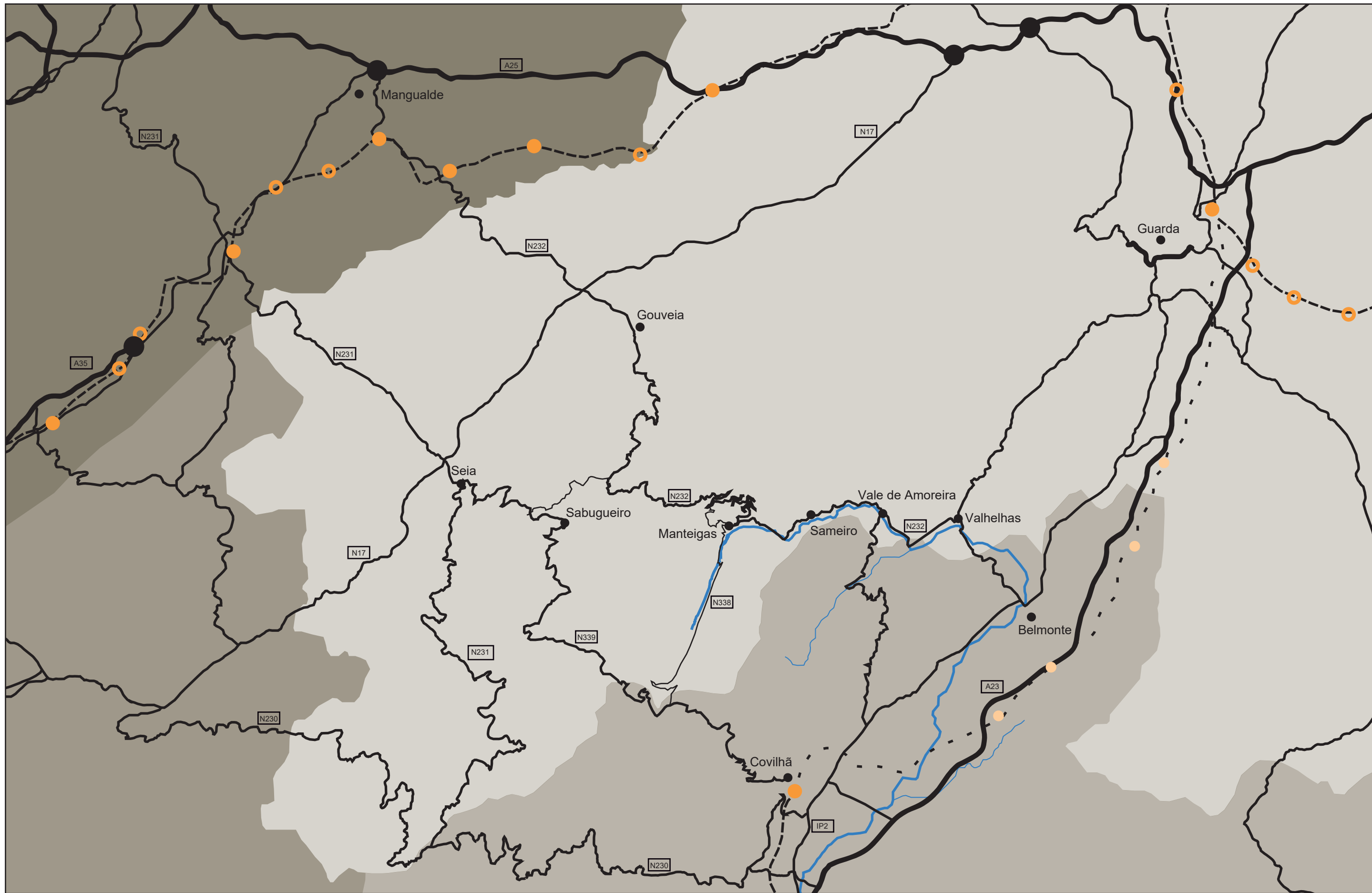
o devido desenvolvimento e investimento. As Penhas Douradas, com vista sobre a vila de Manteigas e do vale glacial do rio Zêzere, são conhecidas por terem a primeira estância de turismo de montanha do país. Apesar disso, a sua imagem estagnou e não foram tomadas ações que a desenvolvessem.

Numa região próxima, ocorreu o oposto. As Penhas da Saúde são uma aldeia montanhosa que se distingue principalmente como estância turística de inverno, com hotel, chalés de montanha e pousada da juventude. A sua imagem é completada e reconhecida por estes elementos arquitetónicos.

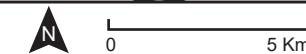
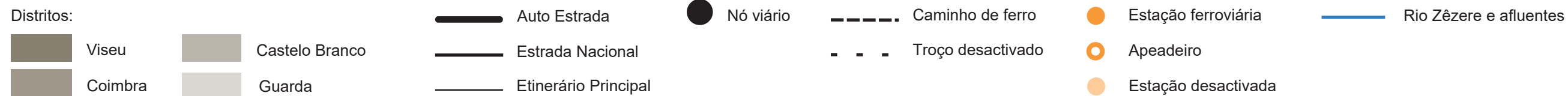
As Penhas da Saúde estão mais desenvolvidas do que as Penhas Douradas (e Manteigas), assim como a região da Covilhã. Consequentemente são mais procuradas pelos visitantes que enchem hotéis e pousadas após a primeira notícia informando sobre a queda de neve na torre. Porém, não é só no inverno que esta procura existe. Durante o verão, há uma procura pelo sol e praias fluviais nesta zona nomeadamente na lagoa comprida, covão d'Ametade ou lago do Viriato, principalmente pelos adeptos de campismo. Manteigas e as Penhas Douradas podem ser exploradas articuladamente de modo a alcançar os mesmos resultados que as Penhas da Saúde.

Devido à topografia de montanha, as estradas do Parque Natural são maioritariamente sinuosas e em alguns segmentos destas, principalmente no acesso à torre, são frequentes os congestionamentos pela dificuldade que os autocarros têm em fazer algumas curvas por serem tão apertadas.

Nas zonas rurais, como é o caso de Manteigas, o serviço de autocarro existente é muito reduzido, demonstrando uma fraca oferta de transportes públicos. Apenas disponível em dias úteis, existe autocarro duas vezes ao dia, de e para Manteigas com destino à Guarda ou à Covilhã. Para além dos autocarros, a outra alternativa é o serviço de táxi.



(12) Planta de localização e mobilidade



A falta de oferta de transportes públicos causa um grande impacto na vida quotidiana dos habitantes do concelho de Manteigas. Aqueles que não possuem veículo próprio veem a sua mobilidade muito condicionada e não têm liberdade nas suas deslocações intra-concelhias.

Não só existe pouca oferta para aceder a localidades próximas, mas também para deslocações maiores, como por exemplo para Lisboa. Para tal, é necessária uma deslocação até ao Ginjal (Belmonte), à Covilhã ou Guarda para aceder ou a autocarro ou a comboio.

Desde 2007 que a circulação da Linha da Beira Baixa foi desativada na ligação entre a Guarda e Covilhã. Numa fase inicial foram disponibilizados autocarros, pela REFER, para o transporte de passageiros entre estes dois destinos mas atualmente tal já não acontece. Após mais de 120 anos, esta linha foi reduzida e não está operacional nenhuma alternativa que permita a sua ligação.

Melhorar a rede de transportes nas zonas rurais já se provou essencial pois ajuda a atrair interesse às comunidades rurais. Este desenvolvimento é vital para fazer face ao declínio do espaço rural, pois é ele que irá melhorar e ajudar na qualidade de vida das pessoas que habitam estas áreas e oferece mobilidade a grupos-alvo, como é o caso dos estudantes e população idosa que não possuem veículo próprio, nem outro meio de transporte.

Daqui surgem oportunidades para valorizar o território usufruindo da localização geográfica de Manteigas, do acesso às estradas N232 e N338, e da proximidade ao Rio Zêzere, como o desenvolvimento de infraestruturas e serviços, a melhoria de espaços já existentes e a associação de percursos a uma rede de minibus. Estando localizada num vale, o espaço público da vila de Manteigas reflete a acentuada topografia. As ruas são íngremes e as praças são delimitadas por muros de suporte, oferecendo um difícil acesso à população que é maioritaria-



(13) Parque da Várzea



(14) Parque da Várzea



(15) Jardim do Pego

mente idosa.

Para além das ruas e das praças, os jardins urbanos são outro ponto de encontro propício a atividades sociais. Atualmente, existem três jardins urbanos na vila de Manteigas. Estes encontram-se nos limites do núcleo urbano. Apesar de estarem localizados no Parque Natural, os espaços verdes urbanos são pouco expressivos (na vila), mas estão bem desenhados para as necessidades de uma localidade desta dimensão. Estes têm qualidade porém o seu uso é reduzido, talvez por falta de interesse ou pelo facto de a oferta de estacionamento automóvel junto destes ser reduzida e por não existir incentivo ao uso de transportes públicos. O jardim do Pego, junto do Zêzere, possui mesas de piquenique, alguns elementos de parque infantil e uma área desenhada como um pequeno anfiteatro ao ar livre. Recentemente inaugurado na Várzea, o Centro de B.T.T. é um ponto de paragem, não só por parte dos ciclistas, como também por parte de outros visitantes. Aqui estão disponíveis equipamentos que respondem às diferentes necessidades. Este espaço é também palco para eventos e atividades, como foi, por exemplo, o Festival da Juventude no verão de 2016.

A existência de poucos eventos/ atividades (culturais e sociais) e o facto de a maioria da população ser idosa, são fatores que dificultam o desenvolvimento da vila de Manteigas. O turismo na vila decorre no inverno e quem visita a vila procura apenas um local onde passar a noite. Com a chegada da neve, os equipamentos hoteleiros enchem-se de turistas e Manteigas recebe aqueles que já não conseguiram quarto nas Penhas da Saúde. Na maioria das vezes, os turistas não veem Manteigas pelo seu encanto e valor próprio. Manteigas torna-se num local de paragem para os turistas, somente por falta de outras opções.

Isto sucede principalmente com turistas que procuram a Torre e que desconhecem que Manteigas é parte da Serra da Estrela. São várias as ocasiões em que a mesma questão surge no posto de turismo “Qual o caminho para a Serra da

Estrela?”. Perante isto é claro que a imagem da Serra da Estrela está associada à Torre e que a identidade de Manteigas não se projeta para além desta. Coloca-se a questão: o que é que falta? Quais as causas desta falta de identidade? São fatores internos ou externos? Para coração da Serra (geograficamente), a vila/concelho de Manteigas não desempenha uma posição vital.

3.2. Proposta

Esta estratégia baseia-se na análise crítica do território apresentada anteriormente. Manteigas é de difícil acesso e este facto aliado à ausência de turistas e à de oferta de dinamismo na Vila e na zona do concelho, traduz-se numa fraca atratividade.

Após a análise, estando ciente da informação necessária e relevante para um planeamento estratégico, tendo como base as forças, revertendo as fraquezas, maximizando a resposta para as oportunidades e superando as ameaças, são agora identificados objetivos específicos e ações necessárias para que estes se realizem. Garantindo que os planos atuais e os futuros podem ser revistos e rasurados quando tal for necessário.

A estratégia geral é composta por objetivos diferentes que visam, por um lado, assegurar o acesso à vila e por outro, valorizar e articular pontos-chave destes acessos. Com esta proposta pretende-se:

- ◆ Integrar Manteigas no território e reforçar acessibilidades;
- ◆ Reforçar a coesão urbana;
- ◆ Controlar os pontos fracos identificados na análise SWOT e tirar partido das forças;
- ◆ Recuperar/ aumentar o número de habitantes/ visitantes;

- ◆ Promover a qualificação urbana e melhoria da qualidade de vida da população (ambiente e acessibilidades);
- ◆ Promover uma estrutura urbana equilibrada;
- ◆ Desenvolver o sector do turismo na região – Manteigas tem potencial turístico associado à neve e a práticas balneares e a pontos de interesse naturais na região;
- ◆ Articular a zona das Penhas Douradas com a área urbana da vila de Manteigas;
- ◆ Desenvolver conexões territoriais e integrar o futuro desenvolvimento turístico previsto para as Penhas Douradas;
- ◆ Garantir que Manteigas não fica isolada no Vale e que são disponibilizados meios de transporte que a liguem à sua envolvente, melhorando as conexões interconcelhias;
- ◆ Valorizar e dinamizar a entrada da vila;

Foram definidas as seguintes ações para a intervenção:

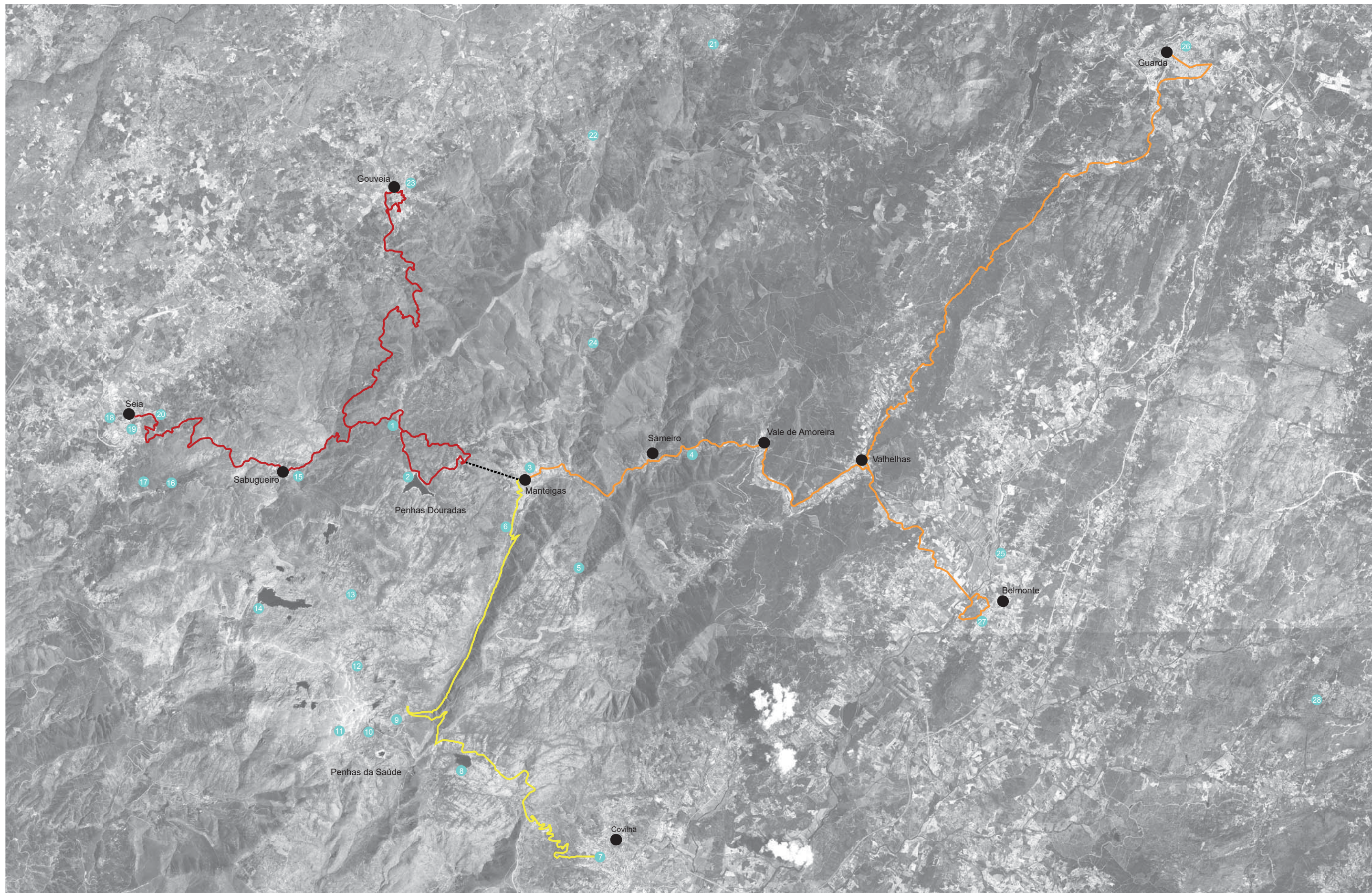
- ◆ Valorização da Rua 1º de Maio e a Praça da Liberdade – requalificação do espaço público.
- ◆ Requalificação dos espaços urbanos e dinamização social:
 - ◆ Largo da Liberdade/ Feira Antiga de Manteigas – adequar o espaço para o funcionamento da feira e para atividades de lazer.
 - ◆ Rua São Marcos/ Feiras e romarias de Santa Maria – repavimentar e adequar o espaço para receber romarias e outras atividades.

- ♦ Largo da Igreja de São Pedro – repavimentar e adequar o espaço para o funcionamento de romarias e outras atividades.
- ♦ Requalificação do espaço público da entrada da vila, reconversão do edifício do Posto de Turismo em edifício de apoio para os taxistas.
- ♦ A qualificação do espaço urbano e a valorização dos recursos naturais – sector da rua 1º de Maio e encaixe da ligação mecânica Manteigas/ Penhas Douradas.
- ♦ Construção de área de lazer com algum mobiliário urbano e espaço polivalente para o funcionamento de espaço expositivo, de receção aos visitantes/ turistas, abrigo e/ou observatório.
- ♦ Definição de rede de percursos minibus, dentro e fora da vila – ligação de Manteigas com núcleos urbanos próximos.

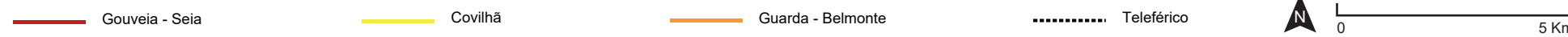
A estratégia global é um projeto integrado assente no tema da conectividade. O grande objetivo é aproximar Manteigas a diferentes regiões da Serra da Estrela. Assim, temos dois projetos estruturantes que intervêm em duas escalas.

Primeiro numa escala regional de modo a reforçar o potencial desta localidade e fortalecer a coesão social e territorial. Para tal, propõe-se como medida estruturante a criação de conexões territoriais. Começando por estabelecer a ligação de Manteigas com núcleos urbanos próximos, fortalecendo os acessos de e para a vila. Integra-se assim Manteigas na região, através da proposta de uma rede de trajetos de minibus, ao fazer a ligação entre Manteigas e a Covilhã, a Seia, Gouveia, Belmonte e a Guarda. (figura 16)

Facilitando o acesso e oferecendo variedade na escolha de transportes públicos, para além do autocarro escolar e táxis, promove-se também o acesso a pontos de interesse do PNSE, ao estabelecer paragens junto destes, assim como junto



(16) Planta de percursos de/para Manteigas



Pontos de Interesse:

- | | | | | | | | |
|-----------------------------|----------------------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------|----------------------------------------------------|-------------------------|
| 1. Mondeguinho | 6. Termas das Caldas de Manteigas CIVGLAZ | 8. Lago do Viriato | 12. Lagoa do Paixão | 17. Cabeça da Velha | 22. Castelo de Folgoso | 26. Bairro Judeu | 27. Castelo de Belmonte |
| 2. Vale do Rossim | 7. Museu de Arte Sacra | 9. Covão d'Ametade | 13. Covão dos Conchos | 18. CISE | 23. Paços do Concelho | Torre dos Ferreiros | Ecomuseu do Zêzere |
| 3. Centro Histórico da vila | Museu de Lanifícios da UBI | Cântaro Gordo, Magro e Raso | 14. Lagoa Comprida | 19. Museu do Brinquedo | Museu Municipal de Arte Moderna Abel Manta | Praça Velha | 28. Castelo de Sortelha |
| 4. Relva da Reboleira | | 10. Nossa Senhora da Boa Estrela | 15. Praia Fluvial do Sabugueiro | 20. Museu do Pão | 24. Covão da Ponte | Paço Episcopal - Museu | |
| 5. Poço do Inferno | | 11. Torre | 16. Museu Natural da Electricidade | 21. Castelo de Linhares da Beira | 25. Torre de Centum-cellas | Sé, Muralhas, Portas e Torre de Menagem do Castelo | |

de pontos de intersecção entre a nova rede de minibus proposta e os trajetos já existentes dos Trilhos Verdes - Green Tracks.

Para além desta rede, considera-se que será concretizada a instalação de uma ligação mecânica de Manteigas às Penhas Douradas, através de um teleférico, de acordo com o que está previsto no P.P. das Penhas Douradas. Tendo como base a planta com a área de intervenção deste P.P., é proposta uma área para uma futura estação de teleférico localizada na vila. Esta está inserida no corredor proposto para possível área de ligação mecânica. É também desenhado um percurso de escadas rolantes que permitem a transição entre a cota da rua e a da futura estação.

Em suma, a articulação é feita através de uma rede de minibus que tem Manteigas como centro e conecta:

1º - As Penhas Douradas às Penhas da Saúde, através da N338;

2º - Manteigas às termas das Caldas de Manteigas (trajeto que antes era muito percorrido e procurado pelos turistas para tratamentos de águas sulfúricas nas termas); (Folha 4 - F4)

3º - Manteigas à estação do Teleférico (é proposta uma possível área para a estação – base – do teleférico inserida no P.P. Penhas Douradas);

4º - Manteigas a outras localidades (Seia, Gouveia, Sameiro, Vale de Amoreira, Belmonte, Covilhã e Guarda), facilita o acesso à vila e deverá ser articulado com outros meios de transporte que se encontram noutras cidades.

A opção de minibus surge como solução mais adequada, em vez de autocarros, por causa do traçado sinuoso das estradas que percorrem a Serra e pela sua dimensão.



(17) Entrada da vila de Manteigas



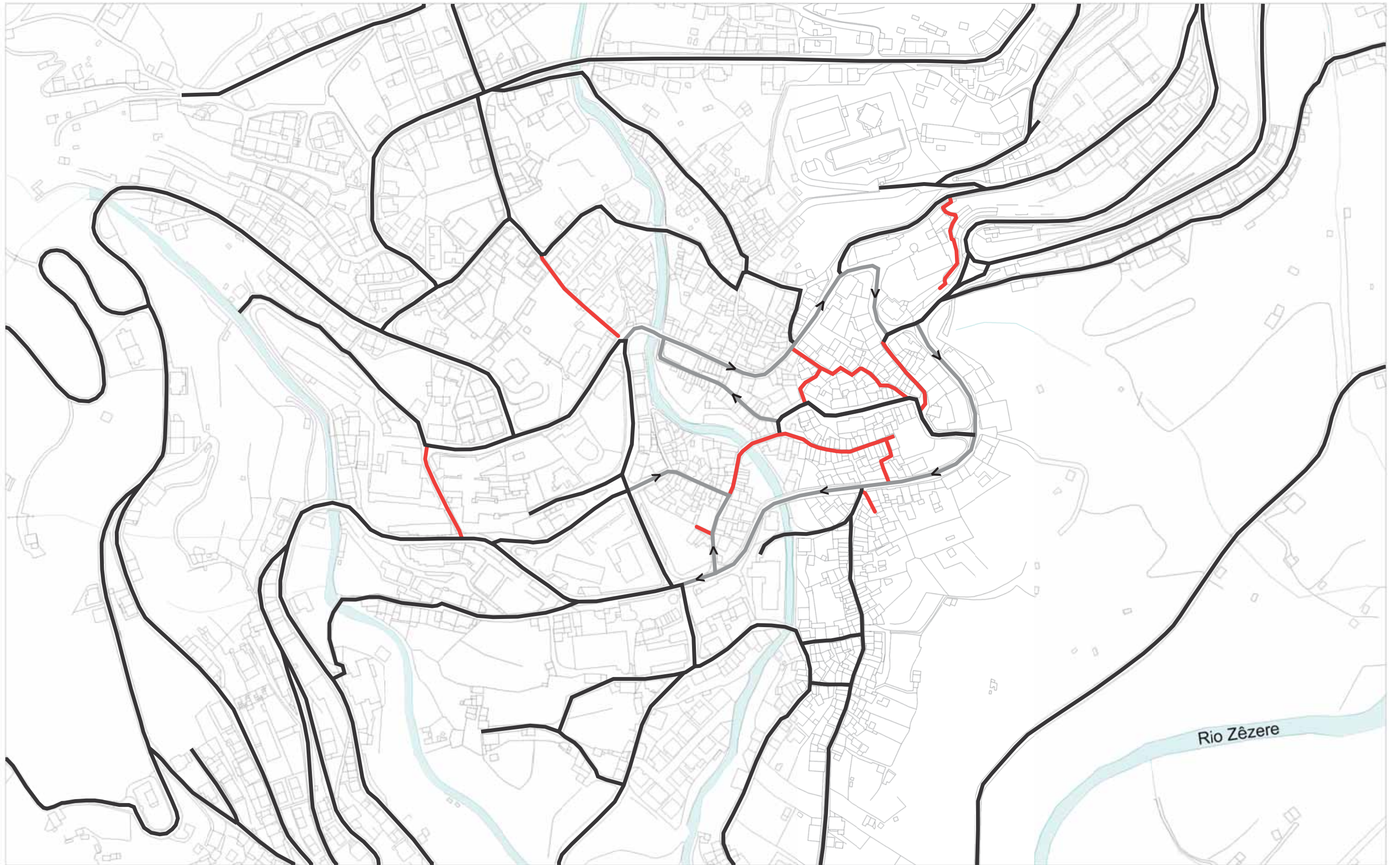
(18) Penhas Douradas vistas da EN232

Noutra escala, é proposto o segundo projeto estruturante no domínio do espaço público com várias ações na entrada da vila (Folha 7-9), no sector da Rua 1º de Maio (Folha 6) e em espaços públicos.

O redesenho urbano da entrada da vila de Manteigas é proposto através da estipulação de novas regras para o trânsito automóvel, a aplicar na rua 1º de Maio. Com o intuito de criar uma aproximação da paisagem natural à paisagem urbana e de valorizar a paisagem, introduz-se vegetação neste local. Assim, o centro urbano ganhará um carácter mais verde. Pretende-se também que esta rua ganhe um carácter mais social ao ativar as ruas para novos usos e privilegiando a circulação pedonal.

Na entrada da vila é desenhada uma estação para os minibus e estipulado um desenho para as paragens de minibus ao longo dos percursos da rede. É também adicionado um acesso rampeado, integrado no terreno que permite a transição entre cotas em três momentos: a rua São Lourenço; a cobertura superior do muro forrado com painéis fotográficos e de acesso ao estacionamento junto da Igreja de Santa Maria; a N232, junto ao acesso do edifício dos bombeiros que transita para o local da (nova) estação de minibus. No atual Posto de Turismo sugere-se uma mudança de programa para que este seja um edifício de apoio para os taxistas. Deste modo, o Posto de Turismo passaria a funcionar no edifício do PNSE em conjunto com o mesmo. Através da criação destas novas ligações, a proposta valoriza o património urbano e reforça a coesão urbana.

Com a requalificação da rua 1º de Maio, pretende-se nivelar as cotas da rua, suavizando a sua transição. Tendo também em consideração o término do contrato do posto de abastecimento de combustível, surge a possibilidade de requalificação do espaço adjacente (a entrada da vila), justificando-se o redesenho da rua/espaço público que esta área abrange. Para tal, projeta-se para este espaço um parque urbano (com a intenção de aumentar os espaços verdes na vila) que



(19) Tipos de Circulação | Proposta

- Pedonal
- Via com 1 sentido
- Via com 2 sentidos



faz a transição entre a N232 e a rua 1º de Maio, melhorando assim a qualidade do espaço público. Para este espaço programa-se uma praça de táxis, uma paragem de autocarro e uma zona de receção e estar que possa receber tanto os locais como os visitantes. Para além deste, é estabelecida uma transição entre cotas (igreja de Santa Maria e N232) através de rampas, sendo esta uma alternativa mais acessível a todos e suave do que as ruas ou as escadas existentes.

No sector da rua 1º de Maio são propostos novas áreas para estacionamento, havendo uma situação pontual que, em horário estipulado, se desdobra em zona de cargas e descargas. A largura dos passeios é aumentada e junto de estabelecimentos de restauração são definidas zonas de esplanada. Consequentemente, a largura da via automóvel é reduzida.

Com o redesenho da rua 1º de Maio e com a proposta da praça de táxis, o número de lugares de estacionamento neste sector é reduzido. Como tal, é proposto um redesenho da zona de estacionamento, que se localiza anexada à rua 1º de Maio, de modo a criar mais lugares de estacionamento. Na figura 19, é proposto o encerramento do acesso automóvel nas ruas assinaladas, privilegiando o acesso pedonal. Após a análise destas, concluiu-se que as ruas são demasiado estreitas para a circulação automóvel.

No remate da rua 1º de Maio, oposto à entrada da vila, é proposto um acesso mecânico. Nesta zona foram integradas no terreno escadas rolantes, de modo a facilitar o acesso à cota superior, na qual é sugerida uma possível zona para a estação base do teleférico, que liga Manteigas e as Penhas Douradas. Aqui sugere-se que, numa fase futura, se projete uma estação para o teleférico como elemento de exceção. Junto a este, é desenhado um alargamento da via automóvel de modo a prever o espaço necessário às manobras dos minibus e a receção dos habitantes e visitantes deste equipamento.

CONCLUSÃO

Entender um local no qual se vai intervir contribui para uma intervenção mais informada. Para que isto aconteça, é necessário estudar o local, os seus elementos e características antes de qualquer ação. Uma característica fundamental a assegurar em qualquer área urbana é a coesão territorial e social.

A paisagem urbana é composta por uma estrutura mais ou menos planeada que se traduz numa simbiose entre o edificado e as vias, delimitando-se mutuamente, não sendo sensato considerar-se que existem por si só. Assim a articulação entre estes elementos define a base da mobilidade no local. Sem a articulação urbana entre regiões e sem estrutura urbana, não existe acesso nem mobilidade e conseqüentemente é gerado um isolamento.

Manteigas é uma vila que se encontra isolada e pouco desenvolvida. Com novos investimentos nesta região e com a elaboração do P.P. das Penhas Douradas, surge a oportunidade de propôr uma estratégia de requalificação para este local que ambicione a sua integração no contexto regional.

Para tal, a proposta “Artérias do Vale do Zêzere” desenvolve uma estratégia integrada de intervenção e requalificação tendo a vila de Manteigas como centro. A estratégia atua em duas escalas, primeiramente articulando Manteigas com as diversas regiões de modo a garantir a mobilidade de e para a vila. De seguida, noutra escala, intervém na Rua 1º de Maio, de modo a qualificar o espaço urbano através da requalificação do espaço público e articulando dois pontos de entrada e saída na vila, a entrada da vila e o terminal do teleférico de ligação às Penhas Douradas.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1993), *Arqueologia da Serra da Estrela*. Lisboa; edição Instituto da Conservação da Natureza

ALMEIDA, João de (1945), *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa; edição de autor

APPLETON, Jay (1986), *The experience of landscape*. Chichester; John Wiley & Sons

BARBOSA, Angelina; CORREIA, António (1990), *À descoberta da Estrela*. PNSE

BATISTA, José David Lucas (1984), *Património Cultural e Património Natural do Concelho de Manteigas*. Manteigas; Câmara Municipal de Manteigas

BATISTA, José David Lucas (1988), *O povoamento da Serra da Estrela de 1055 a 1223 e outros estudos*. Lisboa/Manteigas; coedição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e do Parque Natural da Serra da Estrela

BATISTA, José David Lucas (1990), *Manteigas, uma vila da Serra da Estrela de 1136 a 1527*. Manteigas; PNSE

BATISTA, José David Lucas (1994), *Toponímia do Concelho de Manteigas*. Manteigas; Câmara Municipal de Manteigas e Parque Natural da Serra da Estrela

BATISTA, José David Lucas (2005), *Dispersália (estudos vários locais e regionais)*. Manteigas; CMM

BELL, David; JAYNE, Mark (2006), *Small Cities. Urban experience beyond the metropolis*. N. York; Routledge, pp.1-18

CARVALHO, Sérgio Luís (1989), *Cidades Medievais Portuguesas - Uma introdução ao seu estudo*. Livros Horizonte, Lda

CERTEAU, Michel de (1988), *The practice of everyday life*. Berkeley; University of California Press

COLAFRANCESCHI, Daniela (2007), *Landscape + 100 palabras para habitarlo*, Barcelona; Gustavo Gili

CORNER, James (ed.) (1996), *Recovering Landscapes – Essays in Contemporary Landscape Architecture*. Nova Iorque; Princeton Architectural Press

CULLEN, Gordon (2010), *Paisagem urbana*. Lisboa; Edições 70, Lda.

DOMINGUES, Álvaro (2006), *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. 1ª edição, Lisboa; Argumentum

DUARTE, José Lucas Baptista (1985), *Antologia - I, Depoimentos Histórico - Etnográficos sobre Manteigas e Sameiro*. Manteigas; CMM

FYFE, Nicholas (1998), *Images of the street: Planning, Identity and Control in Public Spaces*. 1ª edição, London; Routledge

GEHL, Jan; SVARRE, Brigitte (2013), *How to study public life*. Washington, D.C.; Island Press

HAGAN, Susannah (2001), *Taking shape: a new contract between architecture and nature*. Oxford; Architectural Press

HALL, Edward T. (1990), *The hidden dimension*. United States of America; Anchor Books Editions

HALL, Peter (1992), *Urban & Regional Planning*. 3ª edição, Routledge

HEIDEGGER, Martin (1994), *Construir, Habitar, Pensar*. trad. Eustaquio Barjau. Conferencias y artículos, Serbal, Barcelona

JACOBS, Jane (1958), "Downtown is for people", *The Exploding Metropolis*. N. York; Doubleday Anchor Book, pp. 140-168

JACOBS, Jane (1994), *The death and life of great American cities*. London; Penguin Books

LAMAS, José M. Ressano Garcia (1993), *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

LOISEAU, J. M.; TERRASSON, F.; TROCHEL, Y. (1993), *Le Paysage Urbain*. Paris; Sang de la terre

LYNCH, Kevin (2011), *A imagem da cidade*. Lisboa; Edições 70, Lda

- MAROT, Sébastien (2006), *Suburbanismo y el arte de la memoria*. Land & Scape Series 6, Barcelona; Gustavo Gili
- MARQUES, Carlos Alberto (1996), *A serra da estrela/ estudo geográfico*. Lisboa; Assírio & Alvim
- MARSHALL, Stephen (2005), *Streets & Patterns*. Oxon; Spon Press.
- MCHARG, Ian L. (2000), *Proyectar con la naturaleza*. Barcelona; Gustavo Gili, DL
- MILANI, Raffaele (2007), *El arte del paisaje*. trad. Carmen Domínguez, Ed. Federico López Silvestre, Paisaje y Teoría, Madrid; Biblioteca Nueva
- MONTEIRO, Augusto José R. M. (1992), *Manteigas na segunda metade do século XVIII: Homens e a Indústria*. Manteigas; Câmara Municipal de Manteigas
- MOUGHTIN, Cliff (1992), *Urban Design. Street and Square*. Oxford; Elsevier, Architectural Press.
- PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro (2003-2011), *Políticas Urbanas I/II: tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian
- PORTAS, Nuno; GRANDE, Nuno, Studio Andrew Howard (2012), *O ser urbano: nos caminhos de Nuno Portas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- RELATÓRIO PARA CANDIDATURA AO PRAUD PARA INSTALAÇÃO DO GTL (1990), Manteigas; Câmara Municipal de Manteigas
- ROBINSON, Charles Mulford (1911), *The width and arrangement of streets. A study in town planning*. New York; The Engineering News Publishing Company.
- ROBINSON, Charles Mulford (1916), *City Planning. With Special Reference to the Planning of Streets and Lots*. New York & London; G. P. Putnam's Sons.
- SELMAN, Paul (2006), *Planning at the landscape scale*. London; New York: Routledge
- SIMÕES, Viriato (1979), *A Serra da Estrela e as suas beiras*. edição de autor
- SOUTHWORTH, Michael (2003), *Streets and the shaping of towns and cities*. United States of America; Island Press

SPIRIN, Anne Whiston (1998), *The Language of Landscape*. New Haven and London; Yale University Press

UFFELEN, Chris van (2010), *Street furniture*. Braun Publish

INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL E DOCUMENTOS LEGAIS

Para estudo de Manteigas, procedeu-se à leitura de documentos que compõem os planos: revisão do PDM para o concelho de Manteigas (2014);

Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela;

Plano de Ordenamento do Parque Natural da Serra da Estrela;

PETUR (Plano Estratégico de Turismo da Serra da Estrela);

Rede Natura 2000;

Portaria 216-B/2008, de 3 de março; DL 163/2006, 8 de agosto.

BIBLIOGRAFIA DIGITAL

ALVES, Teresa (2001), *Paisagem - Em busca do lugar perdido*. [consultado a 17/04/2015] www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_06.pdf

BICING, [consultado a 27.08.2015] <https://www.bicing.cat/>

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS (2005), *Diagnóstico da habitação do centro de Manteigas*. [consultado a 22/07/2014] http://www.cm-manteigas.pt/municipio/servicosprojectos/Documents/Habitat+Manteigas/diag_habitacao.pdf

CEMAT (2003), *Council of Europe Conference of Ministers responsible for spacial/regional planning*. [consultado a 28/06/2015] http://www.coe.int/t/dgap/localdemocracy/cemat/default_en.asp

CORBOZ, André (1983), *Le territoire comme palimpseste*. [consultado a 23/01/2015]
http://www.jointmaster.ch/jma/ch/de-ch/file.cfm/document/Le_territoire_comme_palimpseste.pdf?contentid=1042

DIRECÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO, [consultado a 07/02/2015] <http://www.dgterritorio.pt>

EPOMM - European Platform on Mobility Management (2013), [consultado a 19/10/2015]
http://epomm.eu/docs/file/epomm_book_2013_web.pdf

FORAL MANUELINO DE MANTEIGAS, [consultado a 15/02/2015] <http://www.cm-manteigas.pt/municipio/servicosprojectos/mostradocumental/Paginas/ForalManuelino.aspx>

Geoportal SIGAMCB - Município de manteigas <http://sig.amcb.pt/manteigas-pdm.html>

Habitat + Manteigas <http://www.cm-manteigas.pt/municipio/servicosprojectos/Paginas/Habitat+Manteigas.aspx>

HAMILTON-BAILLIE ASSOCIATES, [consultado a 09/09/2015] <http://www.hamilton-baillie.co.uk/>

IMTT - Instituto da Mobilidade e dos Transportes, I.P., [consultado a 20/11/2014]
<http://www.imtt.pt/sites/IMTT/Portugues/Planeamento/Paginas/Planeamento.aspx>

INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS, [consultado a 05/09/2015] <http://www.icnf.pt/portal>

Manteigas - Trilhos Verdes [consultado a 08/09/2014]
<http://www.manteigastrilhosverdes.com/>

Ordenamento do território <http://www.cm-manteigas.pt/municipio/servicosprojectos/Paginas/OrdenamentodeTerritorio.aspx>

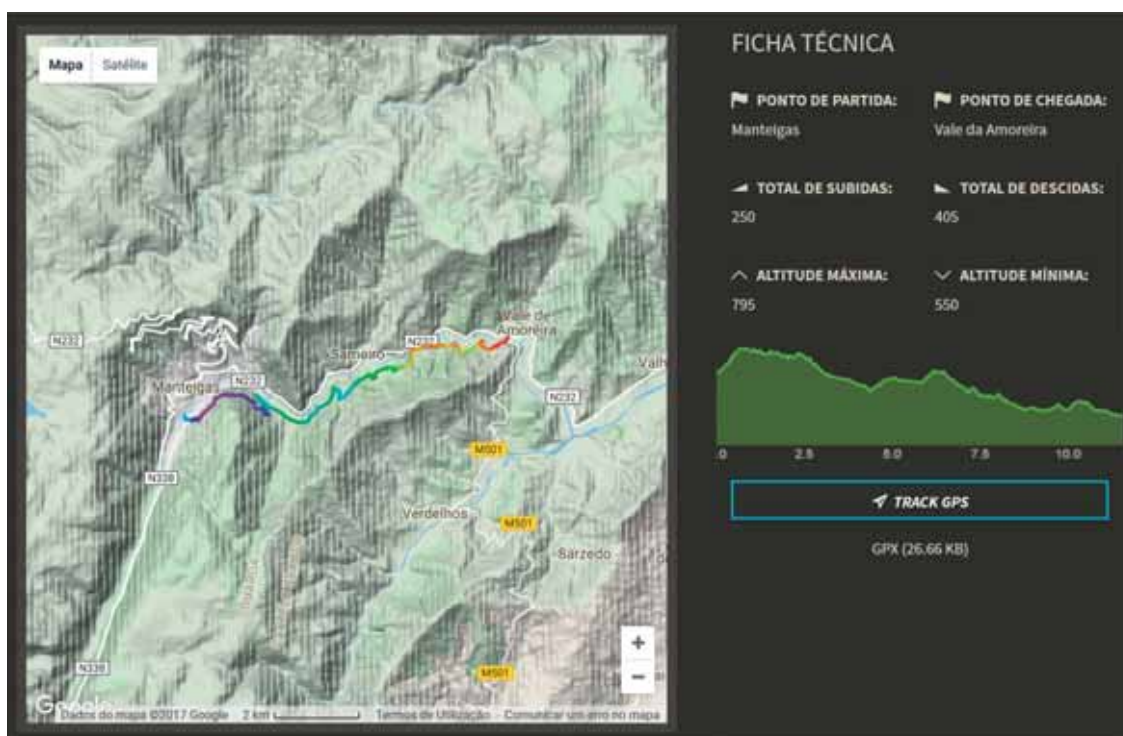
PERID <http://www.cm-manteigas.pt/municipio/servicosprojectos/Paginas/PERID.aspx>

Portal Serra da Estrela [consultado a 17/08/2015] <http://www.portalserradaestrela.com/>

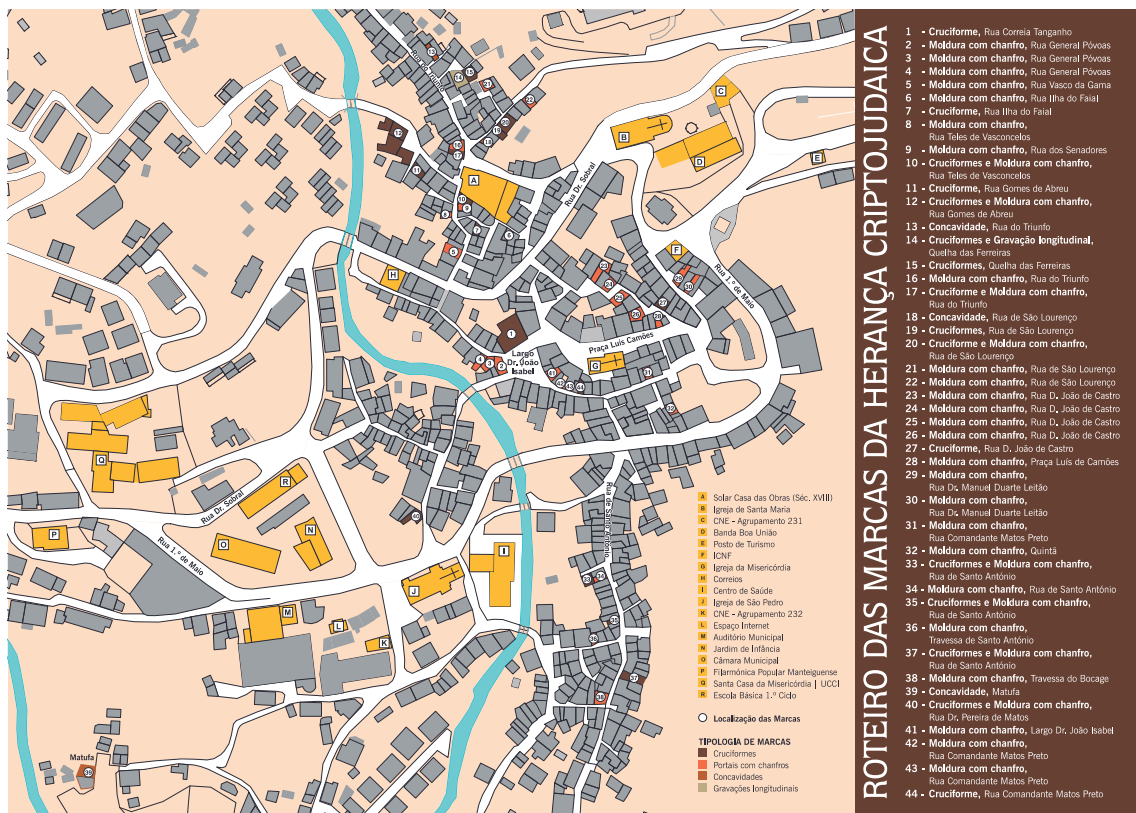
Urban Street design Guide. [consultado a 18/11/2014] <http://nacto.org/usdg/>

VÁRIOS, KARSSENBERG, Hans, LAVEN, Jeroen, GLASER, Meredith, VAN'T HOFF, Mattijs, *The city at eye level*, (2015) [consultado a 08/10/2015]
<http://www.thecityateyelevel.com/>

Anexos



(21) Percurso Pedestre da Grande Rota do Zêzere (Manteigas - Vale de Amoreira), das Aldeias de Xisto



(22) Manteigas, Mapa de Judiarias de Portugal



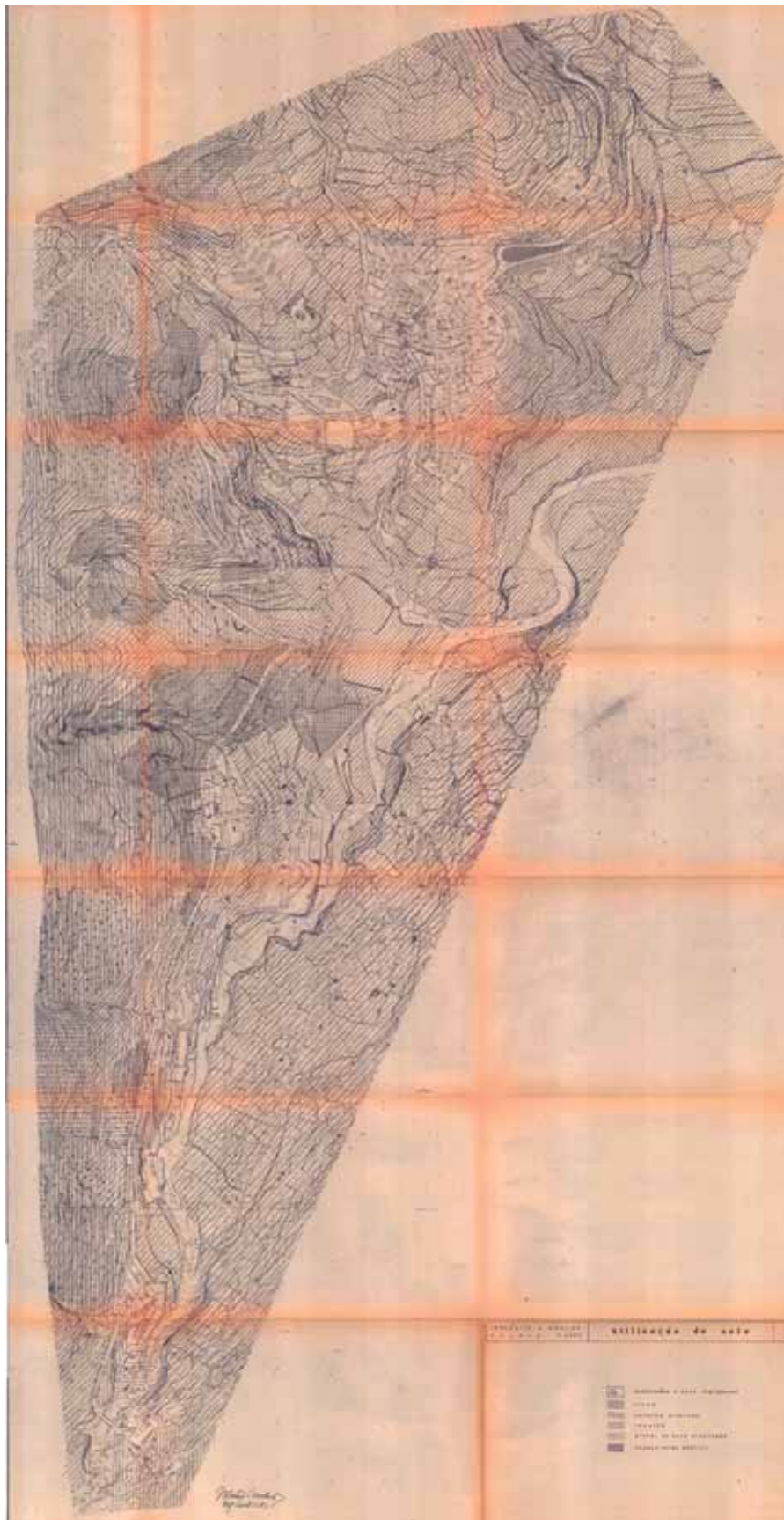
(23) Anteplano Director da vila de Manteigas (1955)



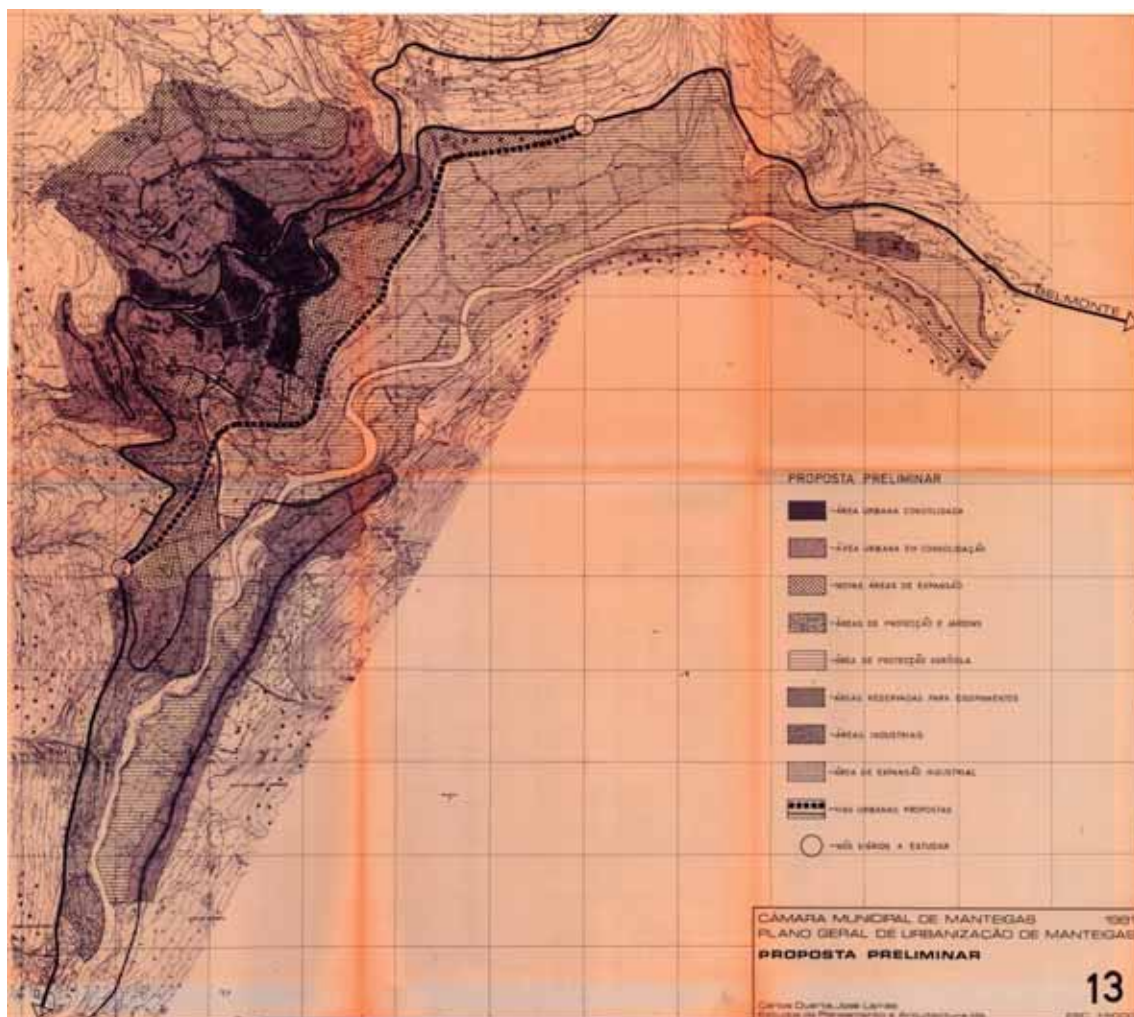
(24) Esboço programa do Plano Director da vila de Manteigas (1955)



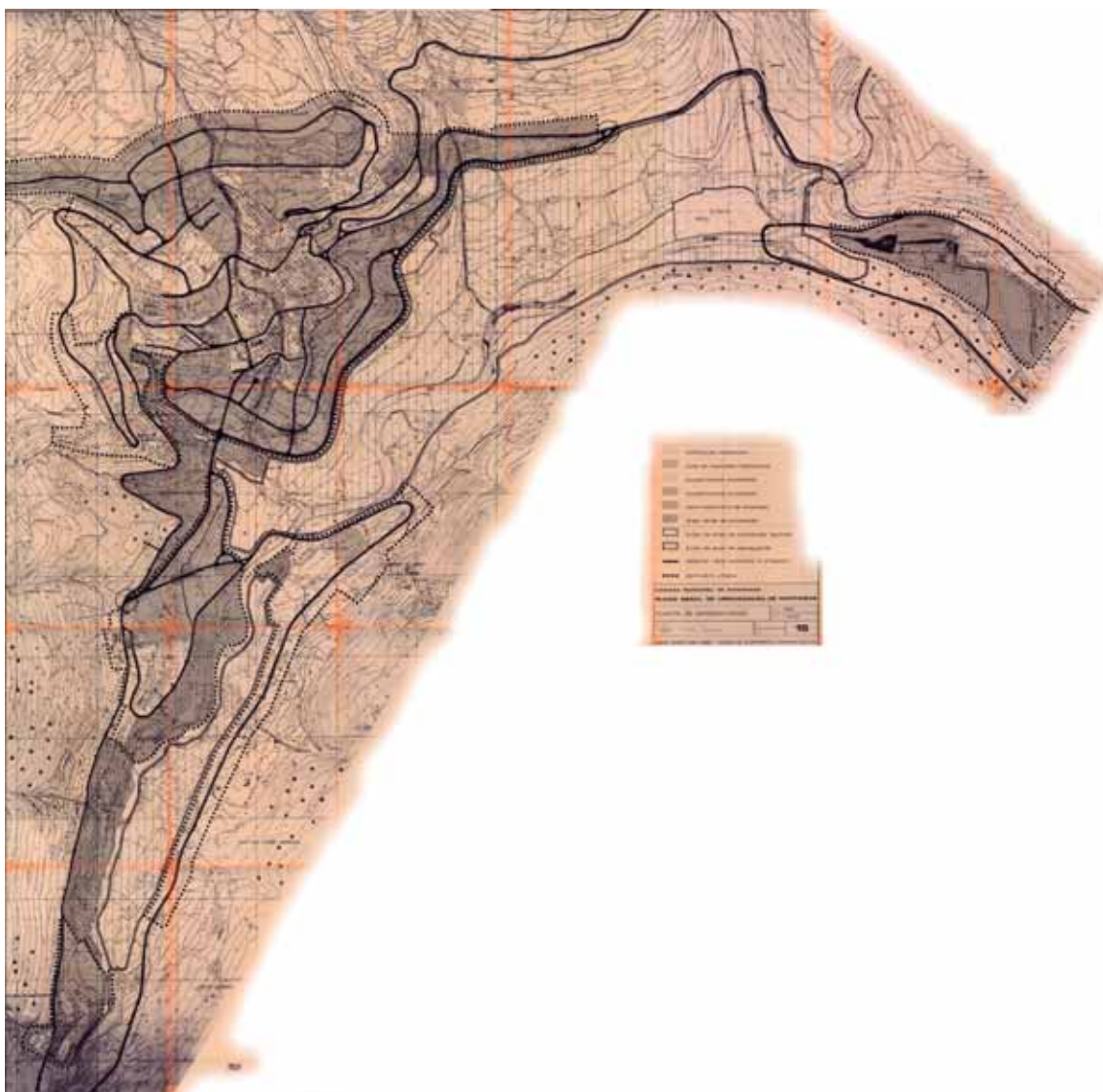
(25) Planta esboço, Antepiano de Urbanização de Manteigas (1964)



(26) Utilização do solo, Antepiano de Urbanização de Manteigas (1964)



(27) Proposta preliminar, Plano de urbanização de Manteigas (1981)



(28) Plano geral de urbanização de Manteigas (1983)

Fontes de Imagens

- (1) Desenho da autora
- (2) Disponível em: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/search/label/Sa-meiro%20%28Manteigas%29>
- (3) Disponível em: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/search/label/Vale%20de%20Amoreira>
- (4) Desenho da autora
- (5) Disponível em: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2012/06/manteigas.html>
- (6) <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2012/06/manteigas.html>
- (7) Desenho do P.P. das Penhas Douradas
- (8) Disponível em: <http://www.manteigastrilhosverdes.com/>
- (9) Disponível em: <http://cm-manteigas.pt/posto-turismo-renova-manteigas-welcome-center/>
- (10) Disponível em: <http://cm-manteigas.pt/posto-turismo-renova-manteigas-welcome-center/>
- (11) Fotografia da autora
- (12) Desenho da autora
- (13) Fotografia da autora
- (14) Fotografia da autora
- (15) Fotografia da autora

- (16) Desenho da autora
- (17) Fotografia da autora
- (18) Fotografia da autora
- (19) Desenho da autora
- (20) Disponível em: <http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/planear/>
- (21) Disponível em: <http://aldeiasdoxisto.pt/category/grande-rota-do-zezere>
- (22) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (23) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (24) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (25) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (26) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (27) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas
- (28) Disponível na Câmara Municipal de Manteigas, editado pela autora

Volume II

Peças Desenhadas

F1. Vila de Manteigas | Percursos dos Trilhos Verdes

F2. Vila de Manteigas | Análise

F3. Vila de Manteigas | Proposta

F4. Vila de Manteigas | Percursos Minibus e edifícios

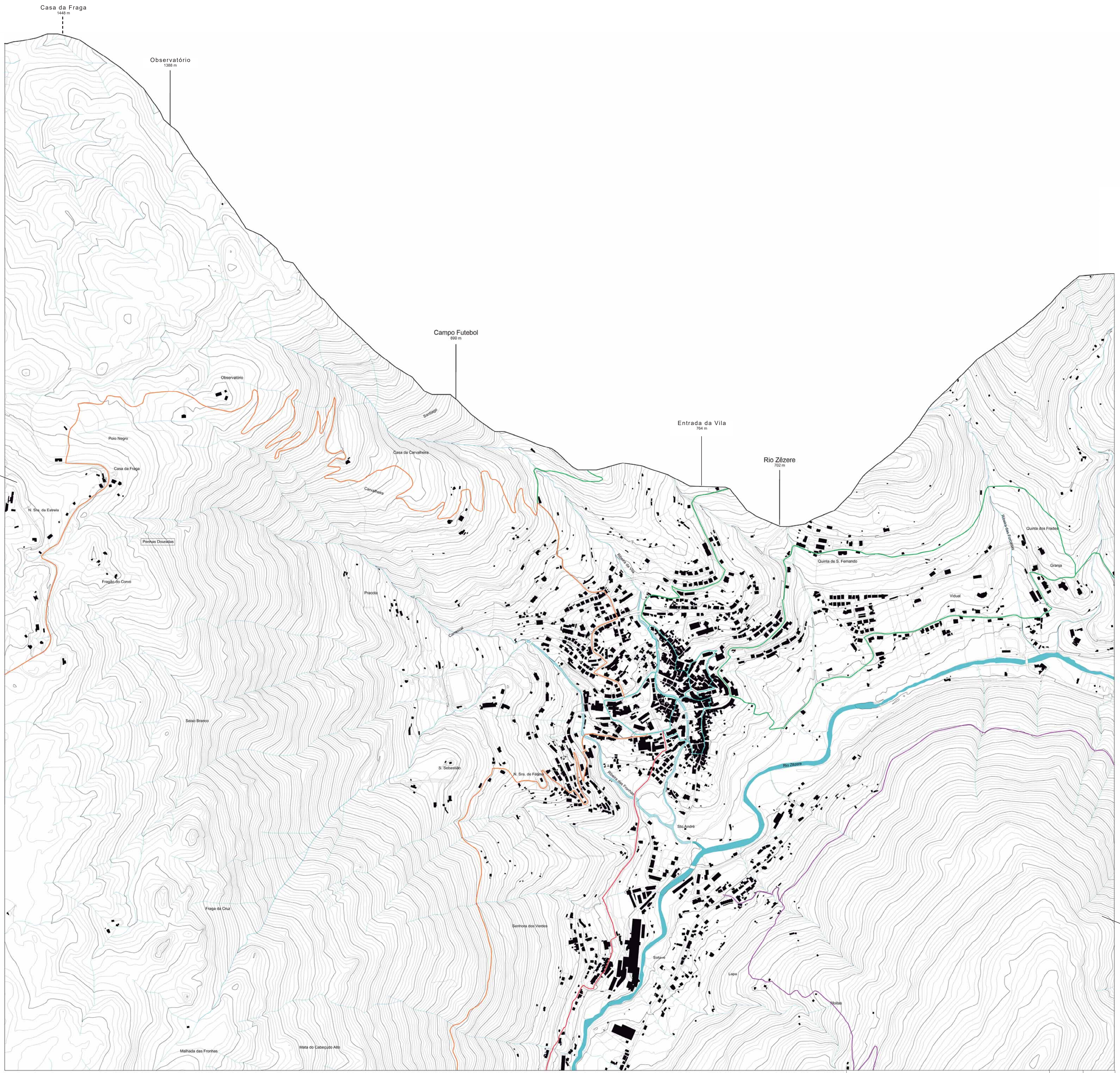
F5. Artérias do Vale do Zêzere | Ligação mecânica

F6. Artérias do Vale do Zêzere | Sector da Rua 1º de Maio

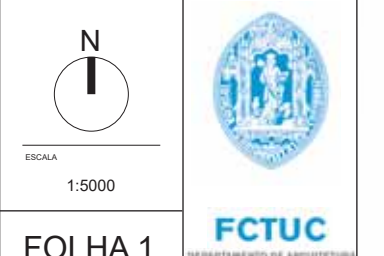
F7. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila

F8. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila | Sala Polivalente e Zona de esplanada

F9. Artérias do Vale do Zêzere | Entrada da Vila | Acesso Rampeado e Paragem de Minibus



- Edificado
- Rio Zézere
- Linha de água
- Rota da Vila
- Rota do Sol
- Rota do Carvão
- Rota do Javali
- Rota das Quartelas
- Rota do Glaciár
- Ribeira/Ribeiro

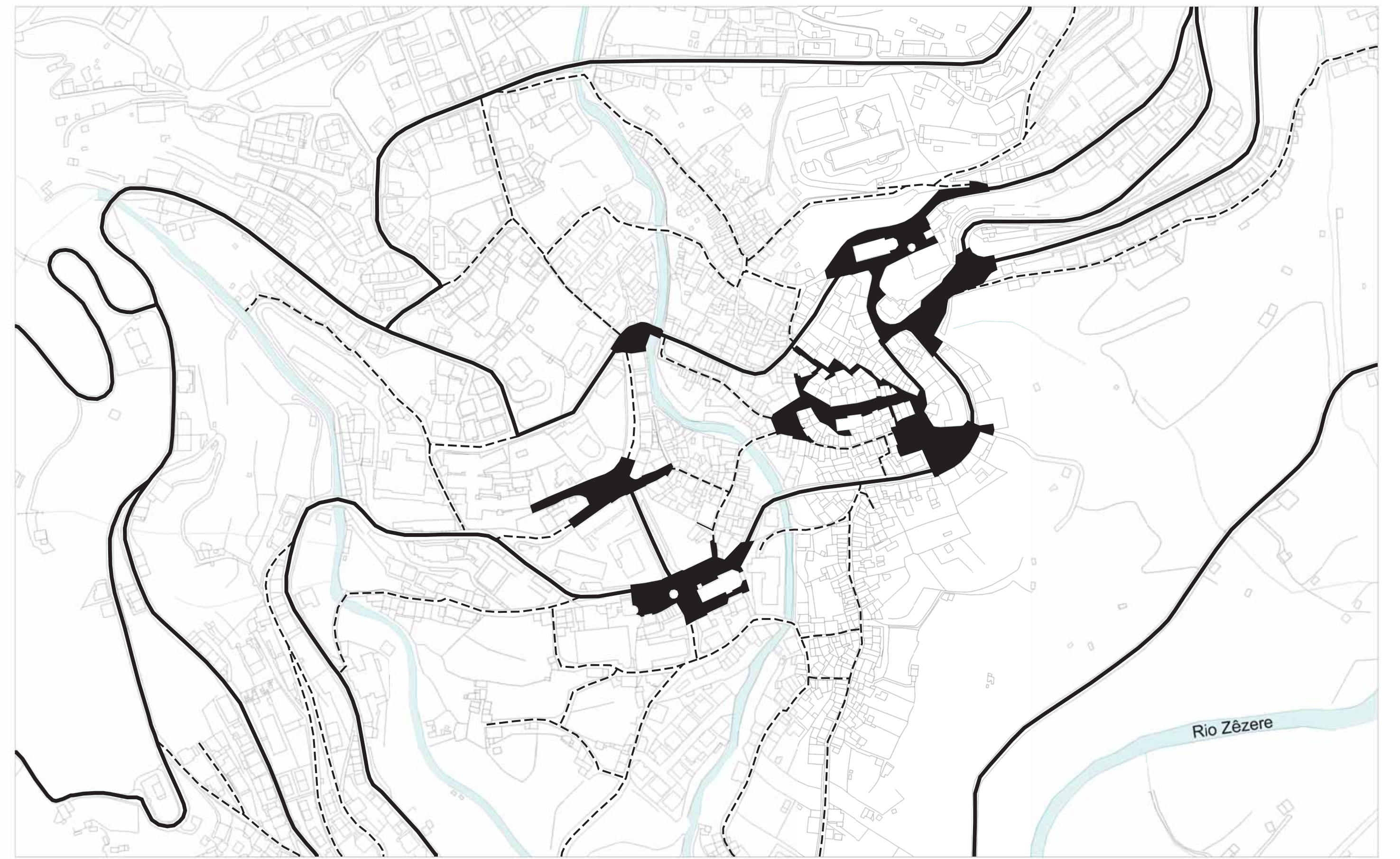




Toponímica | Ruas e Praças

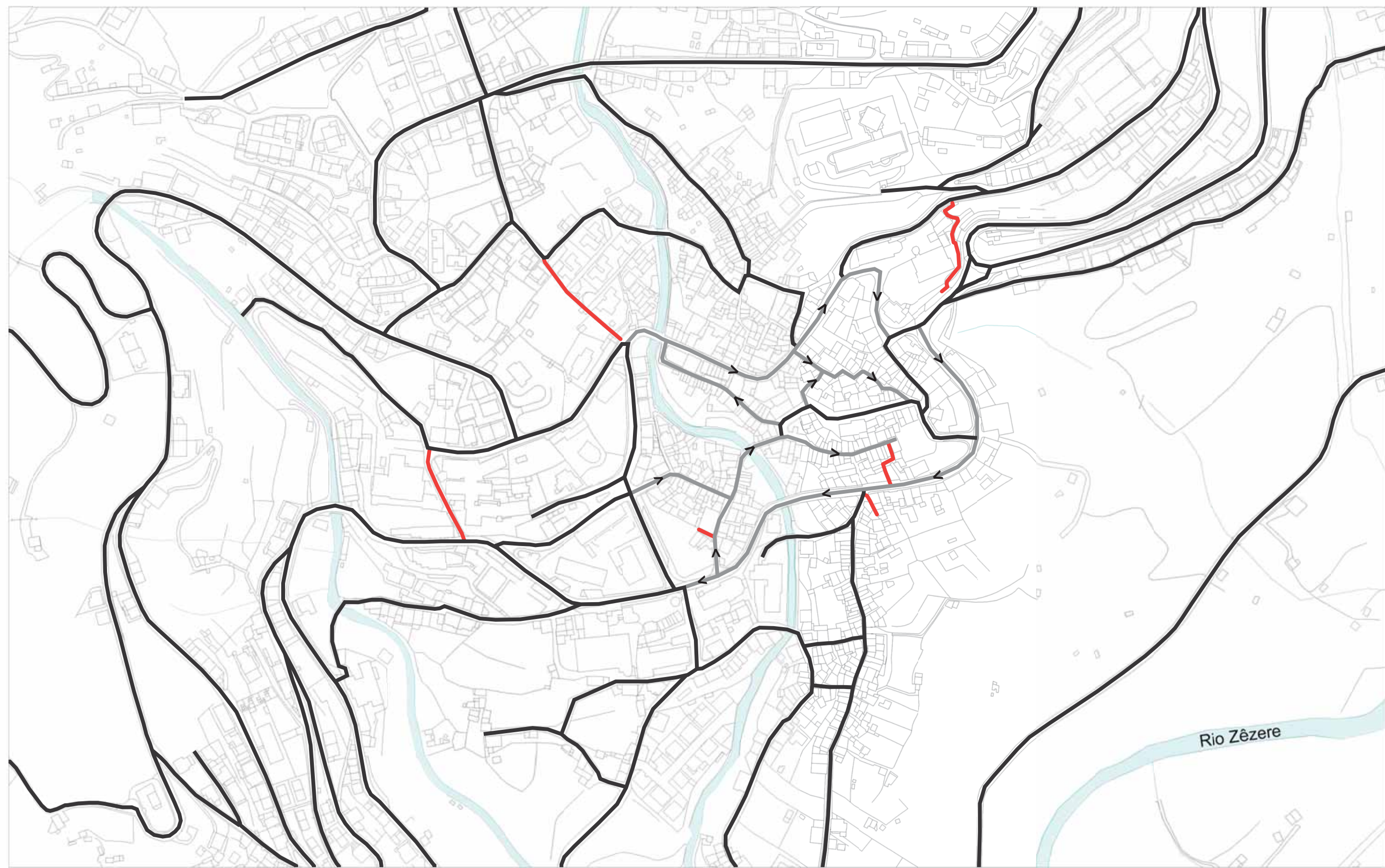
— Ruas
 ◆ Nós: Largos/ Praças

- | | | | | | |
|--------------------------------|-----------------------|-----------------------------|-------------------------|-------------------------------|--------------------------------|
| a. Rua dos Serviços Florestais | d. Rua de Santa Maria | g. Rua das Ostras | j. Rua 1º de Maio | m. Praça Luís de Camões | p. Rua de São Marcos |
| b. Rua de Benguela | e. Rua das Carreiras | h. Rua Vasco da Gama | k. Rua das Raboas | n. Largo da Liberdade | q. N232 |
| c. Rua do Lobito | f. Rua Dr. Sotomaior | i. Rua Dr. Pereira de Matos | l. Rua de Santo António | o. Rua Bernardo Marques Lotão | r. Rua Dr. Esteves de Carvalho |



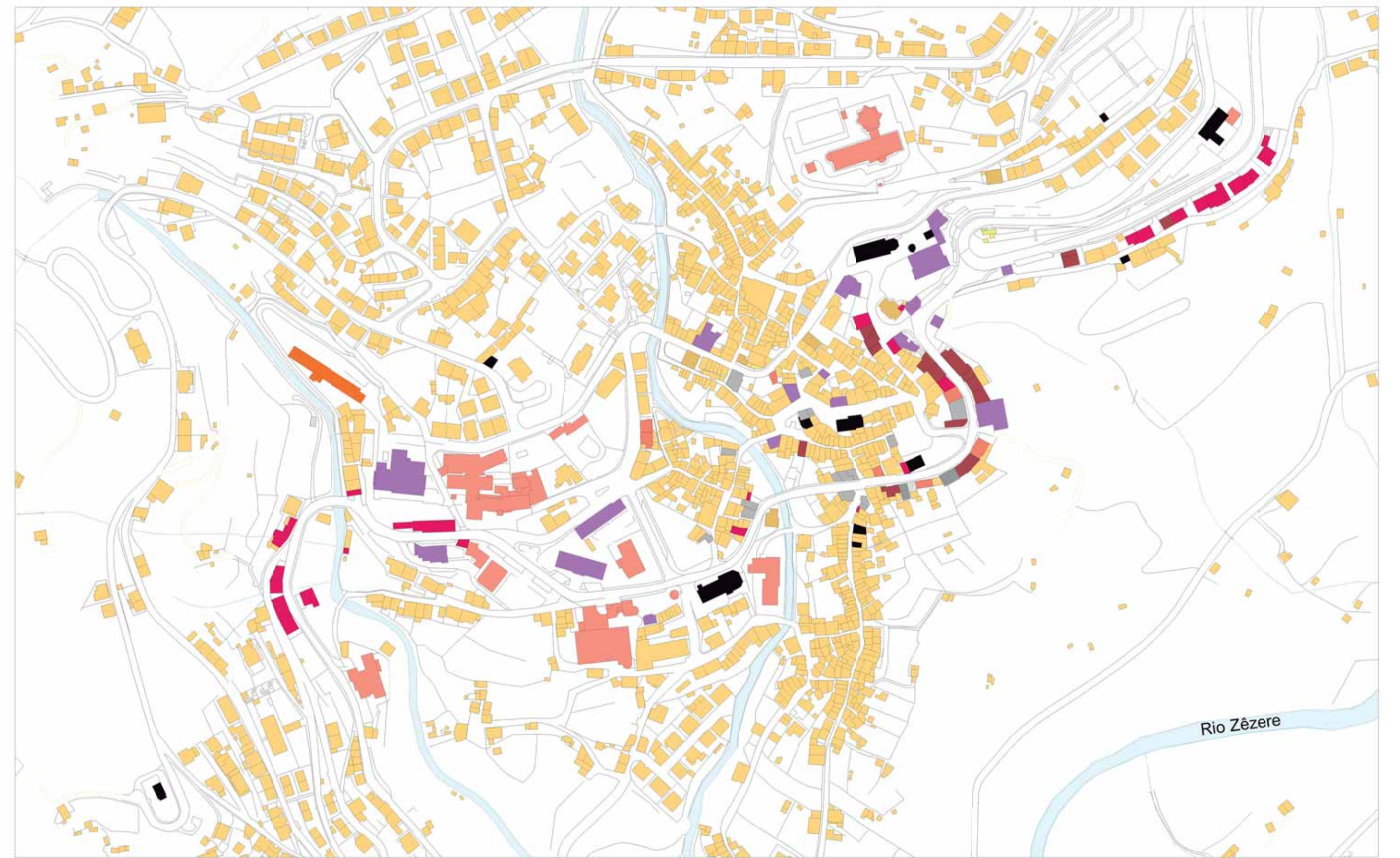
Traçado Urbano | Hierarquia dos eixos viários

— Rua principal
 - - - Rua secundária
 ◆ Nós: Largos/ Praças



Tipos de Circulação

— Pedonal
 — Via com 1 sentido
 — Via com 2 sentidos

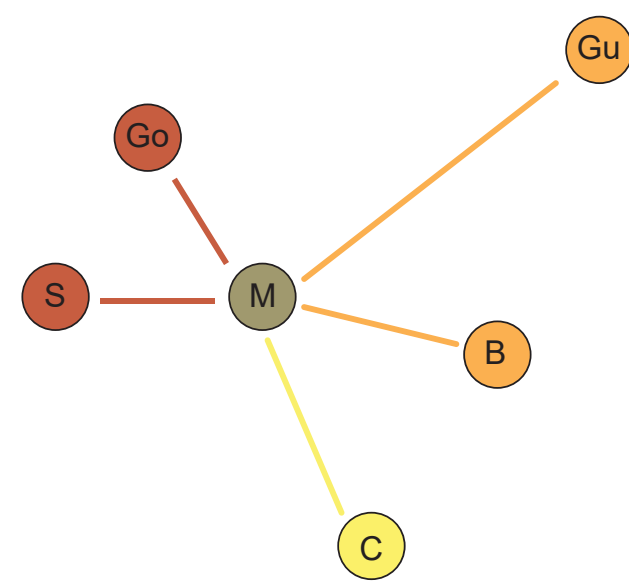


Planta dos Usos do Piso Térreo

| | | |
|-------------------|----------------|----------------------------------|
| Habituação | Igreja/ Capela | Misto (Habituação e Comércio) |
| Edifício Devoluto | Comércio | Misto (Habituação e Serviço) |
| Restauração | Serviço | Misto (Habituação e Restauração) |
| Equipamento | Indústria | Misto (Habituação e Garagem) |

Artérias do Vale do Zêzere

Estratégia(s) para a requalificação paisagística em Manteigas



REDE DE PERCURSOS

Minibus: Visa a articulação entre o centro da vila de Manteigas e conecta:

- outras localidades: Seia (S), Gouveia (Go), Belmonte (B), Covilhã (C) e Guarda (Gu);
- Penhas Douradas às Penhas da Saúde;
- Caldas de Manteigas;
- estação do teleférico.

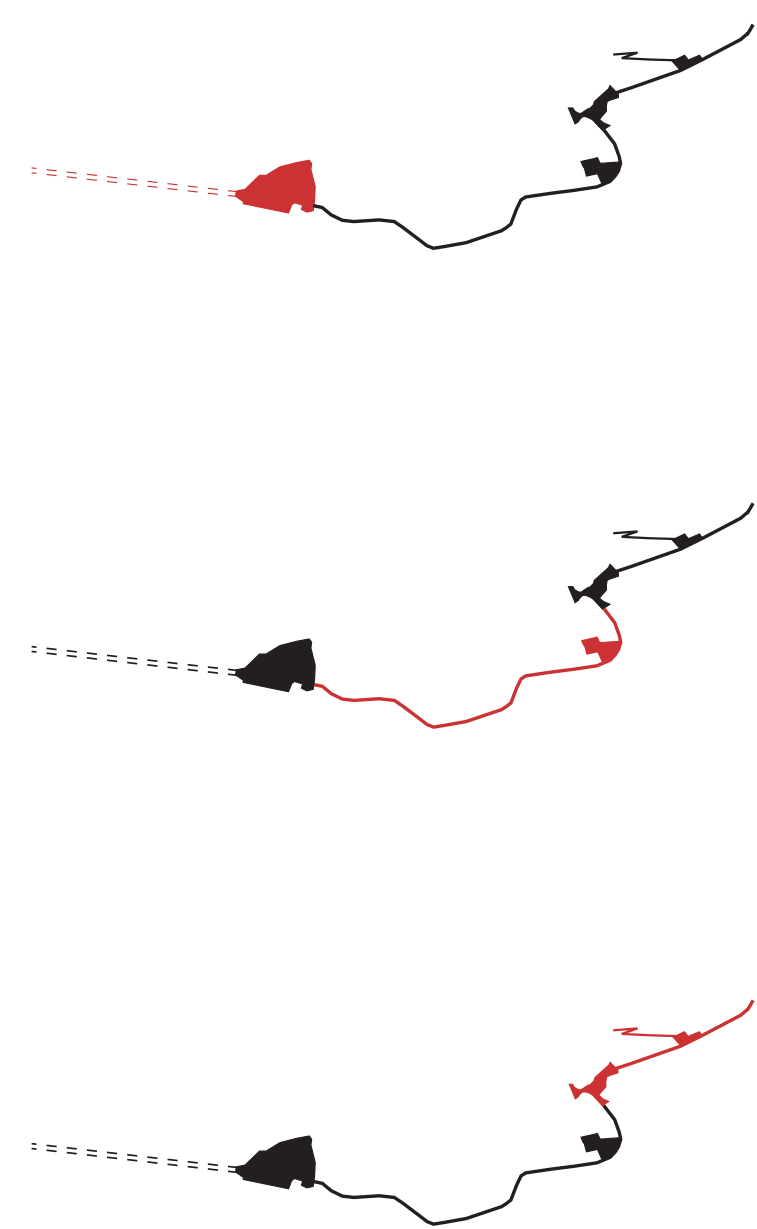
Teleférico: Visa a articulação entre o centro da vila de Manteigas e as Penhas Douradas.

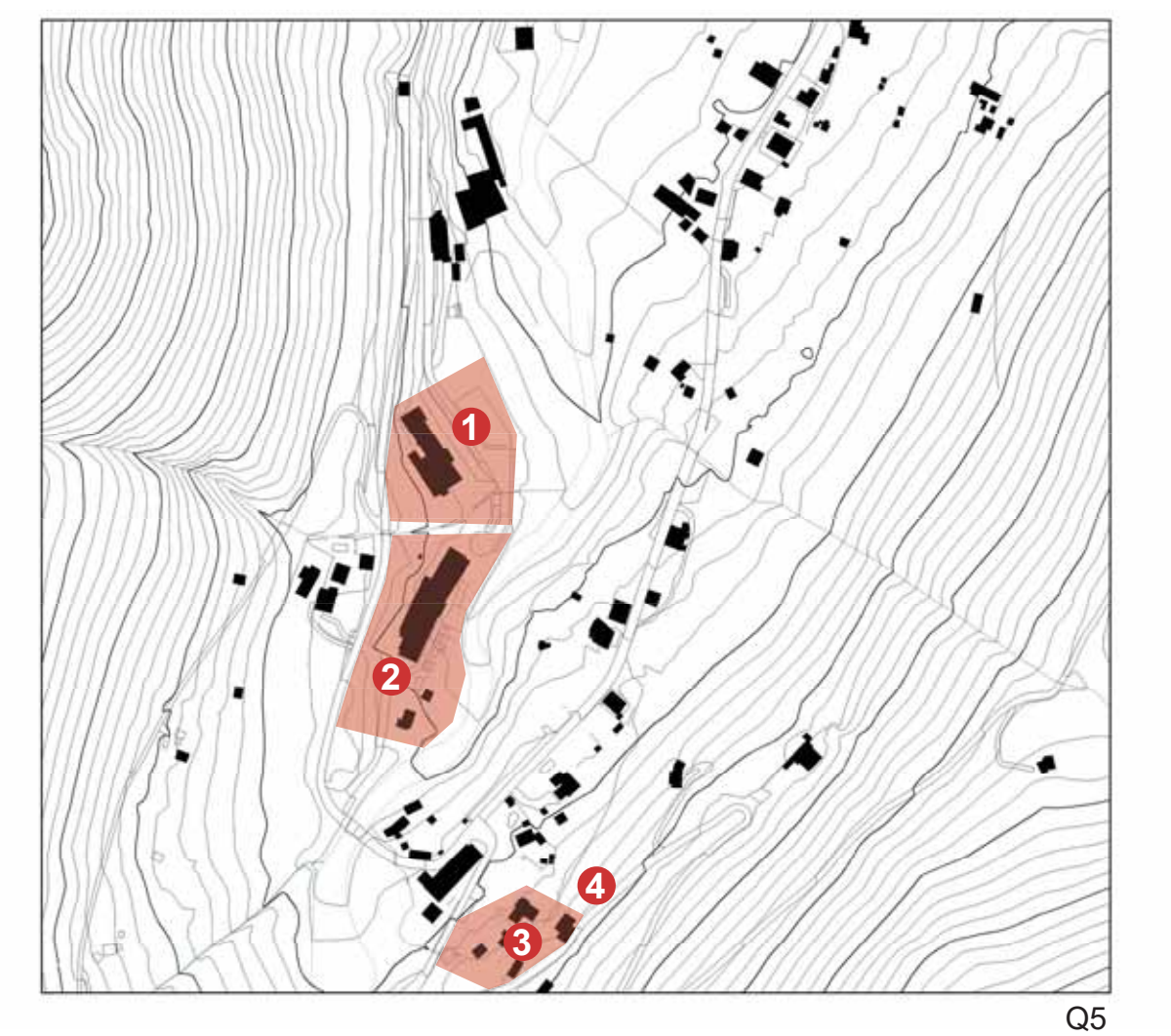
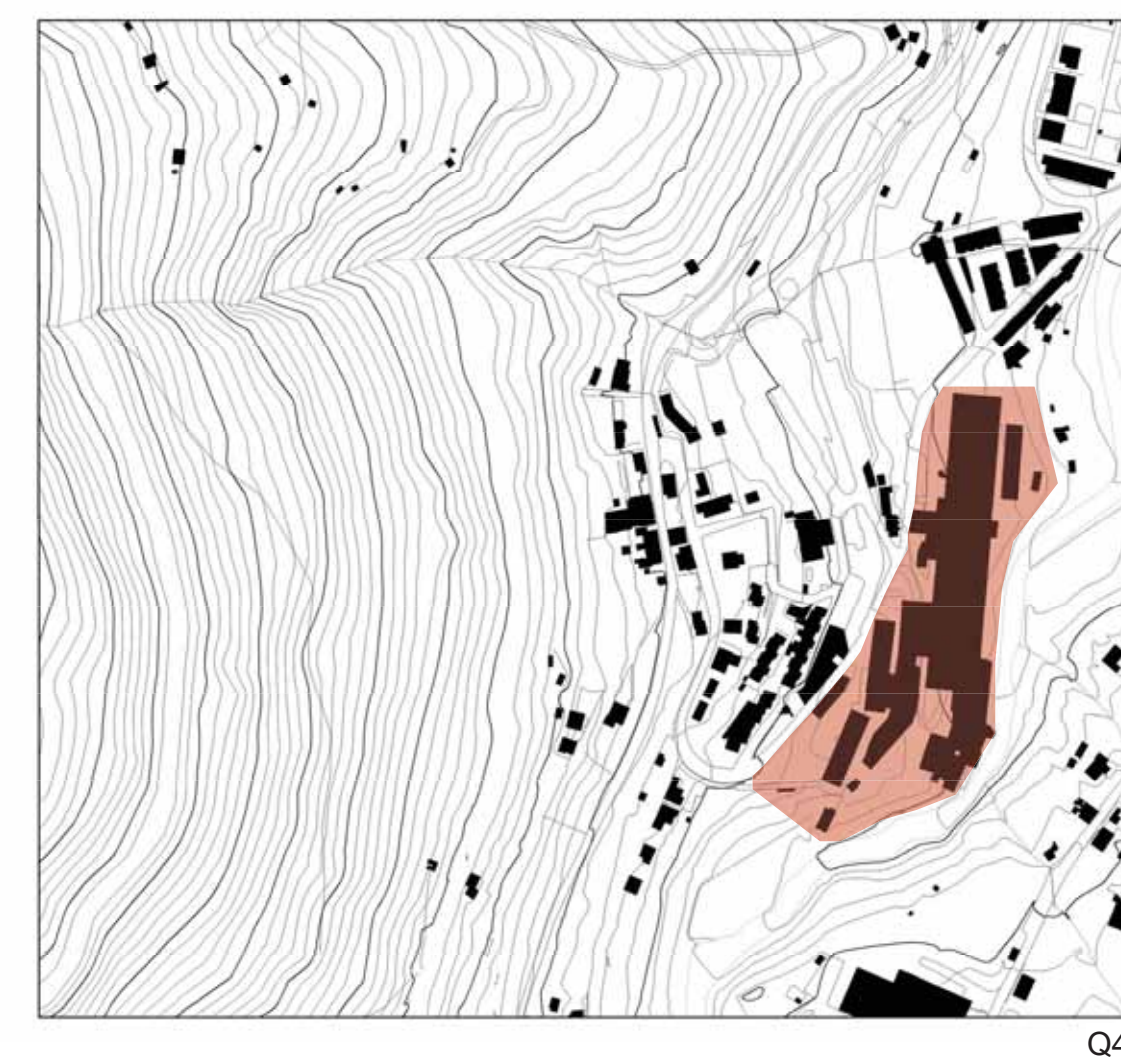
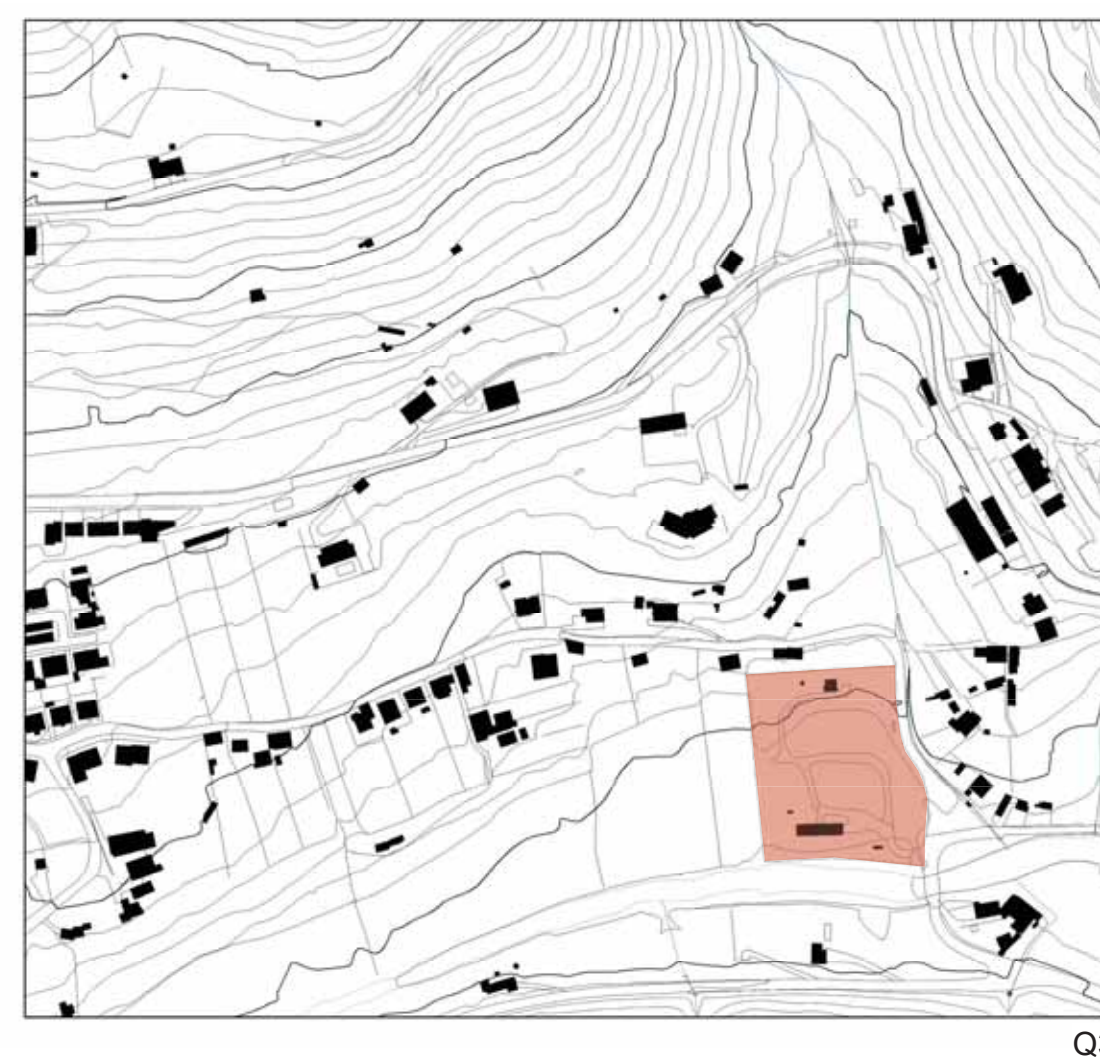
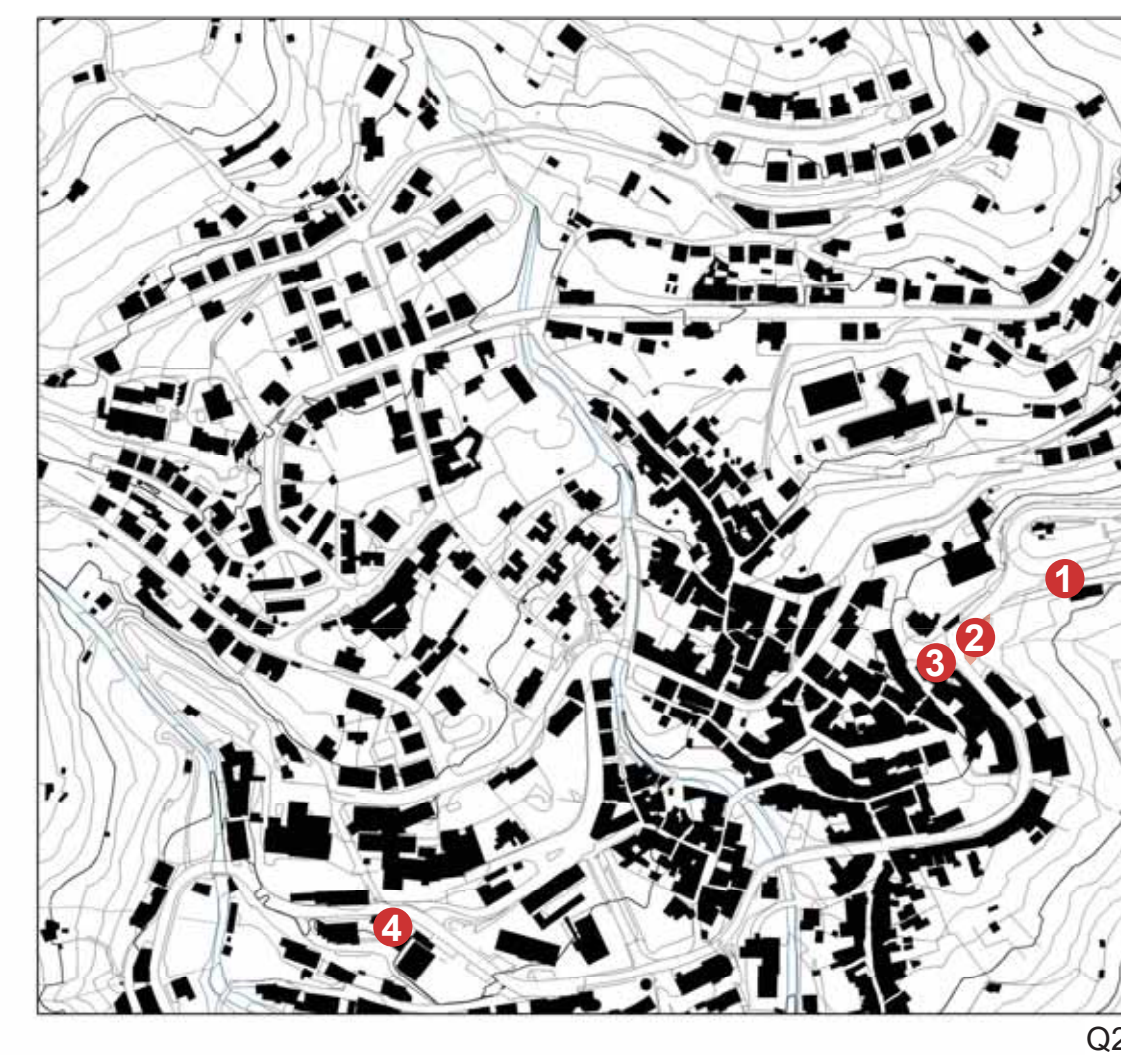
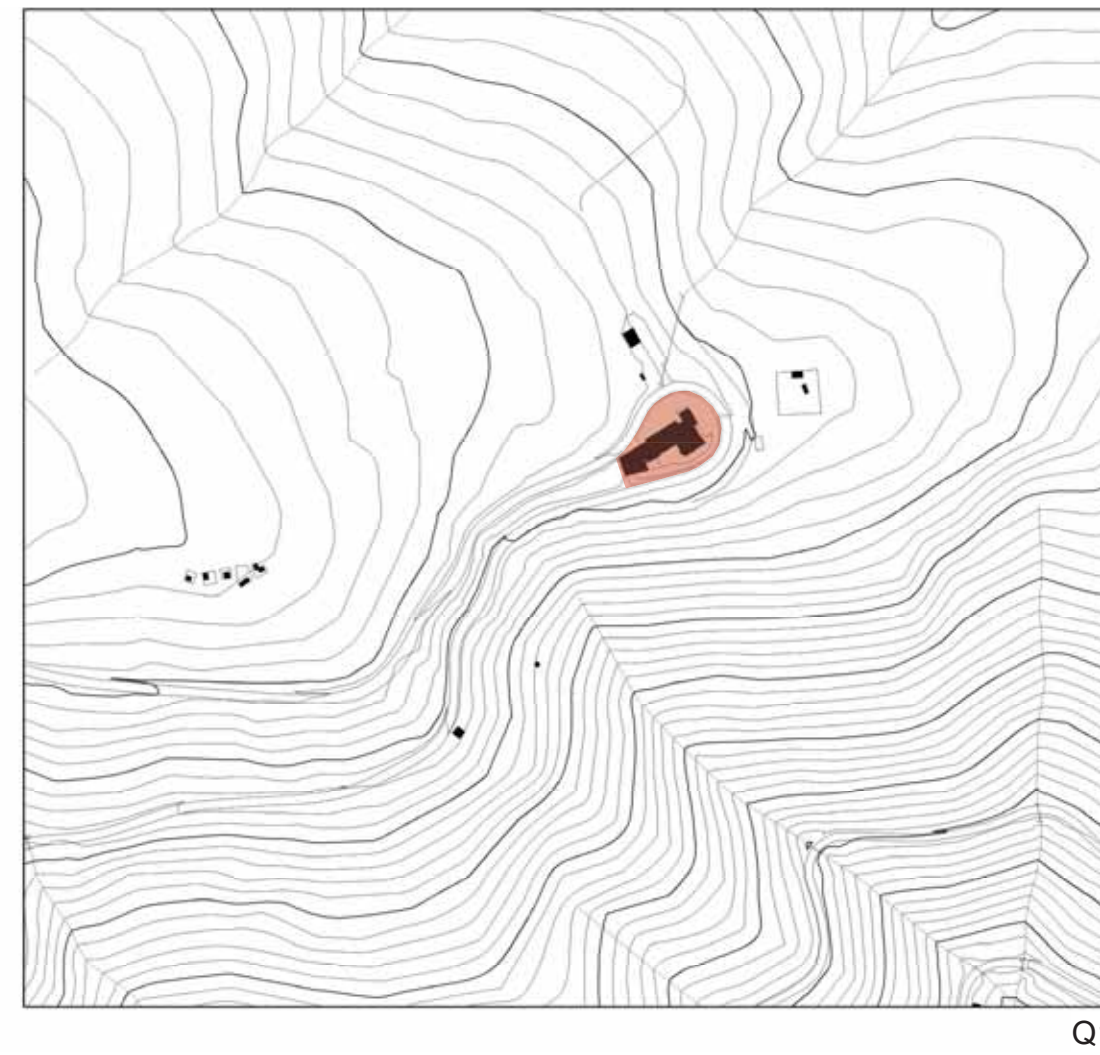
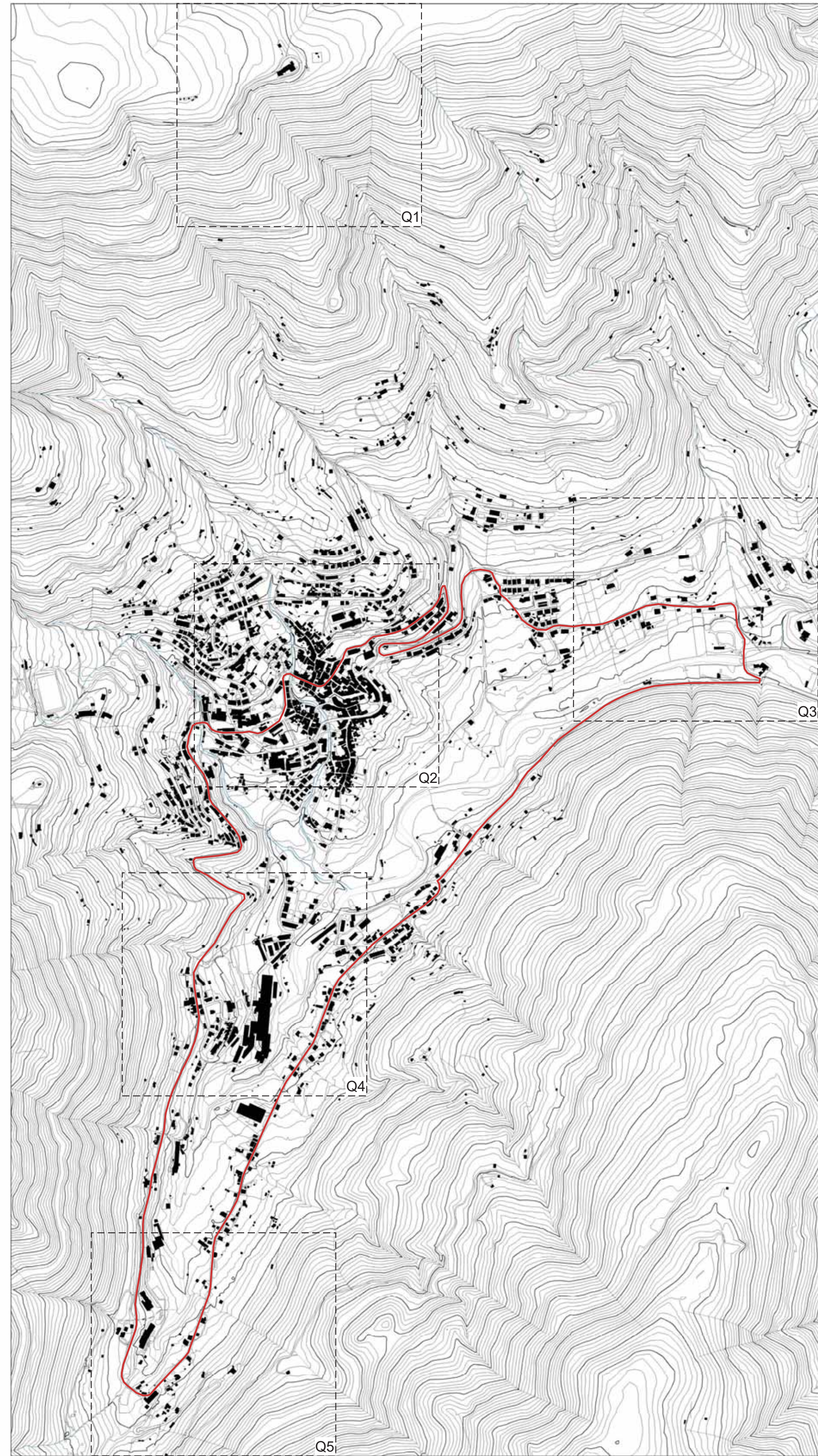
SECTORES DE INTERVENÇÃO

Ligação Mecânica: Aproximação das Penhas Douradas à vila. Esta ligação favorece um acesso mais directo entre os dois locais, tanto aos visitantes como aos residentes.

Sector Rua 1º de Maio: Redesenho da rua com o intuito de privilegiar o uso pedonal e nivelamento da cota da via.

Entrada da vila: Requalificação do espaço público em diversos pontos. Introdução de rampa, permitindo uma transição suave entre a cota da entrada da vila e da rua de São Marcos. Definição de novos espaços de estar.



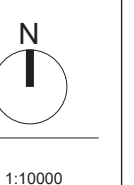


- | | | | | |
|----------------------|---------------------------------------|------------------------------------|------------------|--------------------------------|
| Q1 | Q2 | Q3 | Q4 | Q5 |
| Pousada São Lourenço | Posto de Turismo | Parque Natural da Serra da Estrela | Parque da Várzea | INATEL |
| | Posto de abastecimento de combustível | Biblioteca Municipal | Fábrica | Termas das Caldas de Manteigas |
| | | | | Viveiro das Trutas |
| | | | | CIVGLAZ |

Vila de Manteigas | Percurso Minibus e edifícios

Planta geral e sectores (1:5000)

Sara Monsanto Santos de Almeida Gonçalves



1:10000

FOLHA 4



FCTUC



F1 | Fotografia do existente



F2 | Fotografia do existente



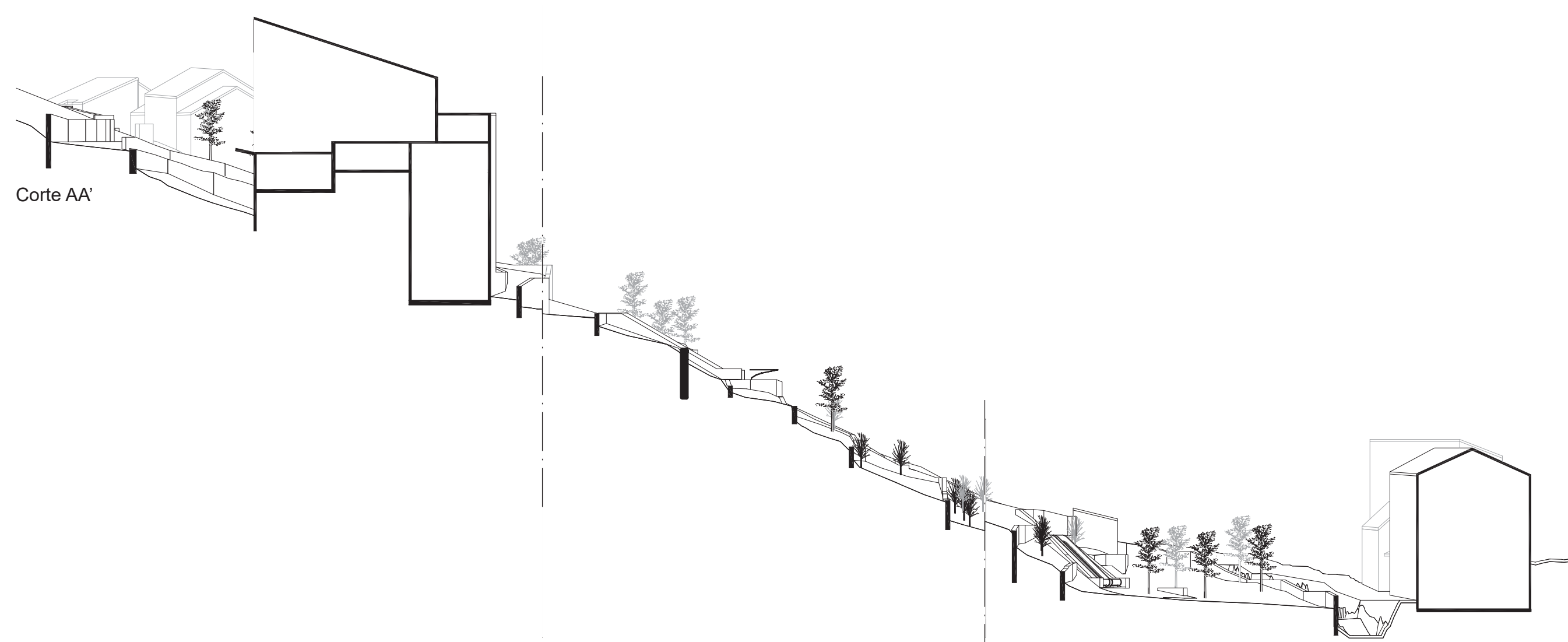
F3 | Fotografia do existente



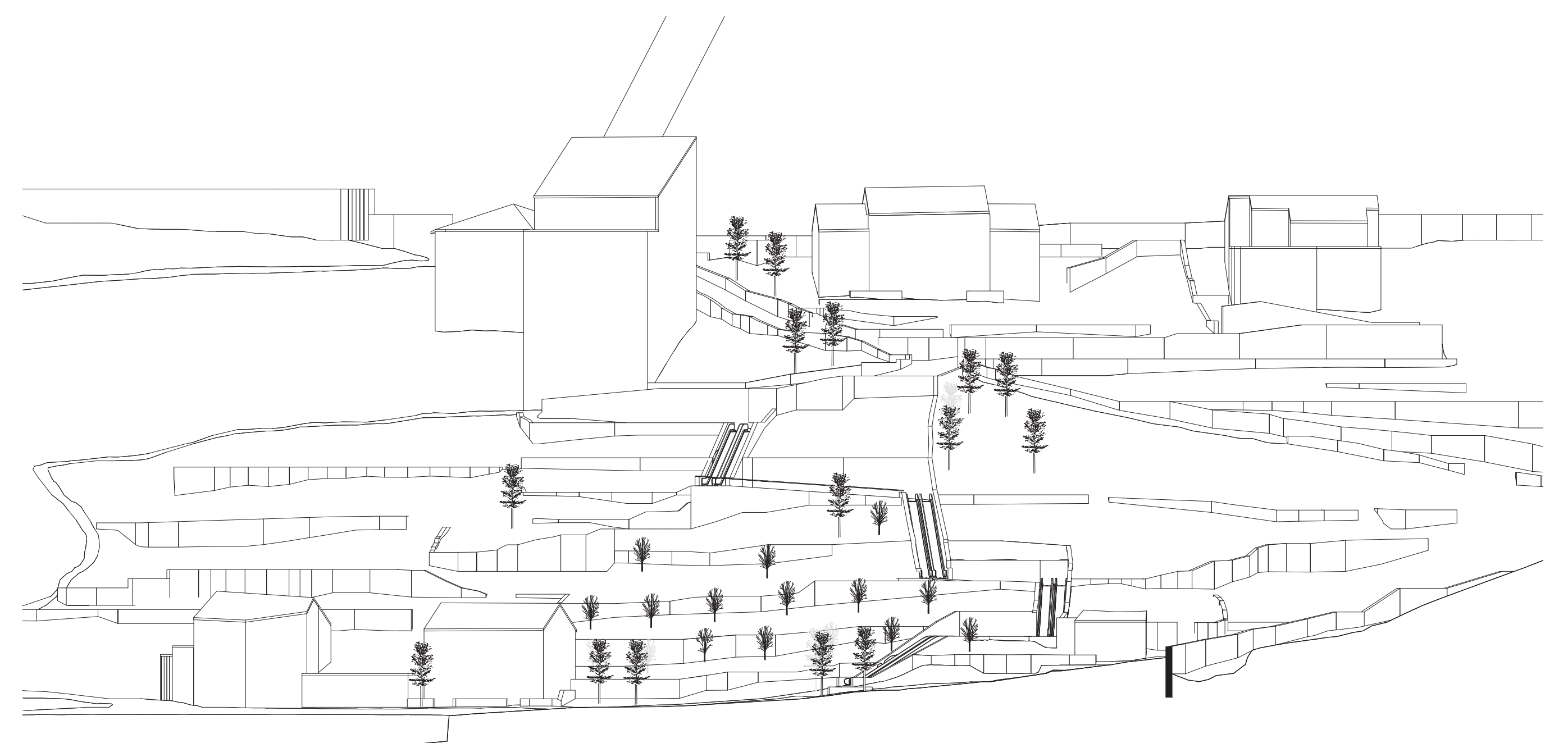
F4 | Fotografia do existente



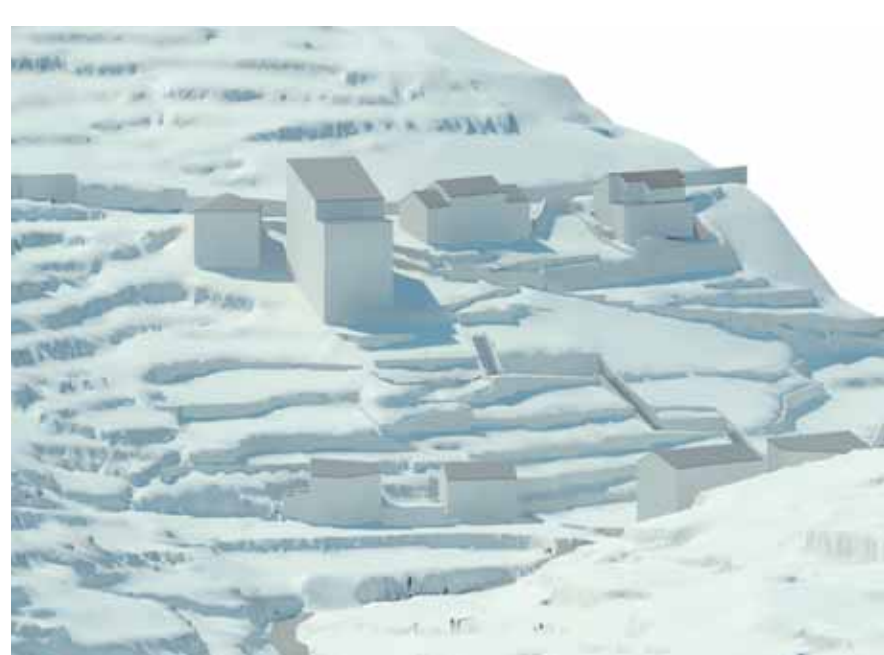
Planta | a. Estação teleférico b. I.S. c. Paragem autocarro



Corte AA'



Corte BB'



R1 | Render



R2 | Render



R3 | Render



Fotomontagem



F1 | Fotografia do existente



F2 | Fotografia do existente



F3 | Fotografia do existente



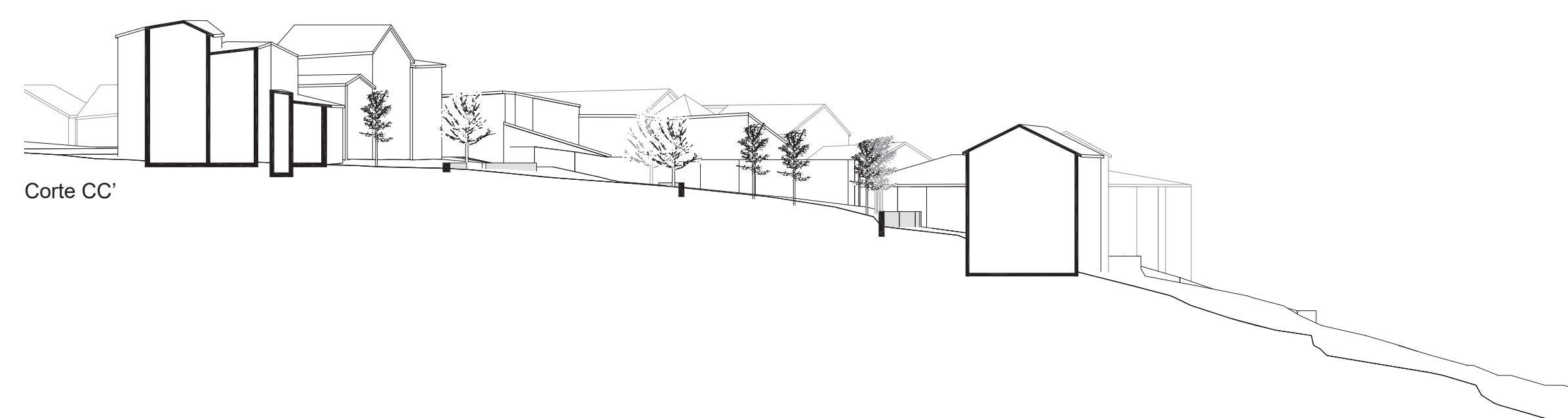
F4 | Fotografia do existente



Planta



Render | Vista aérea



Corte CC'



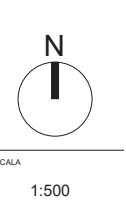
R1 | Render

Cubo granito 10x10
 Cubo granito 5x5

Artérias do Vale do Zêzere | Sector da Rua 1º de Maio

Proposta

Sara Monsanto Santos de Almeida Gonçalves



FOLHA 6



F1 | Fotografia do existente



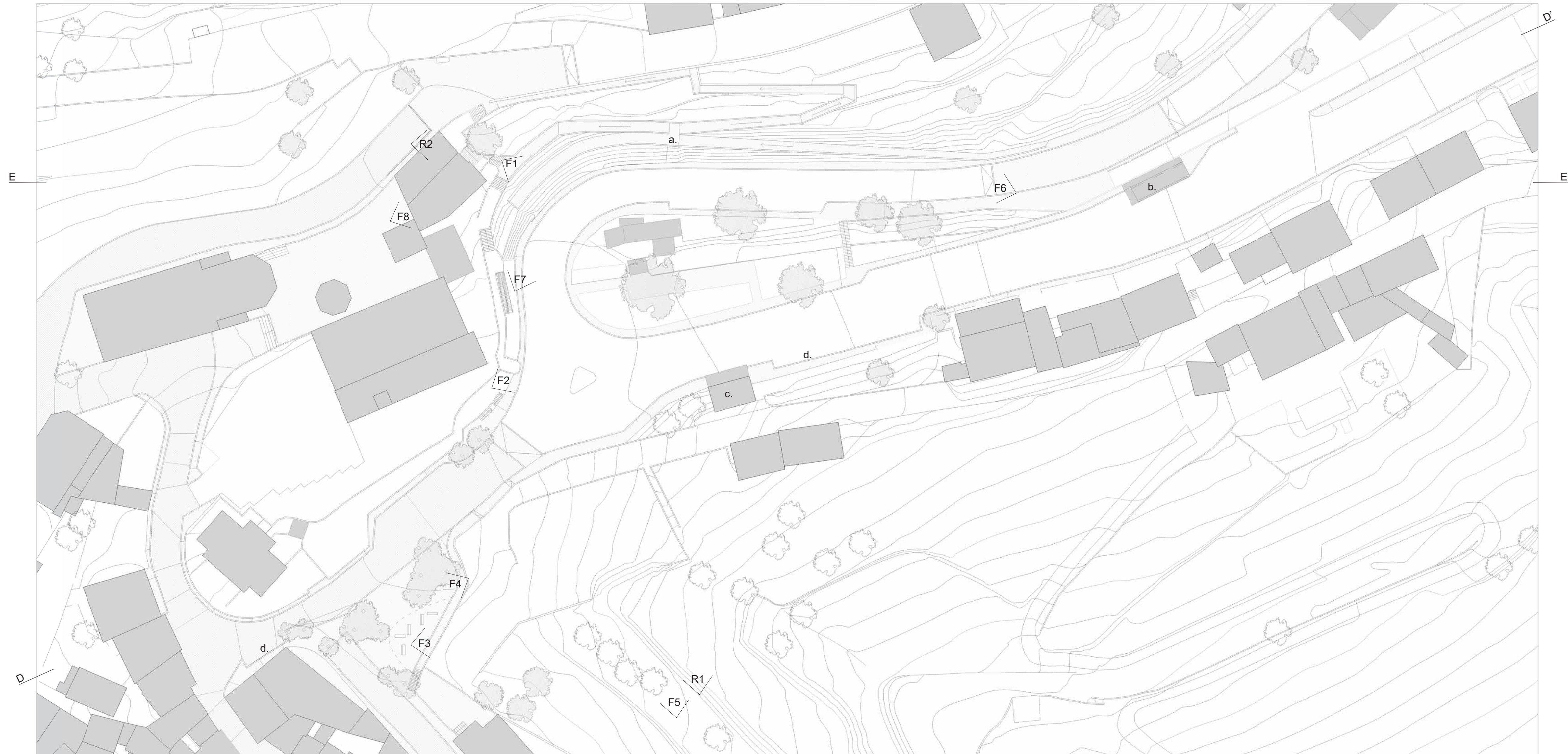
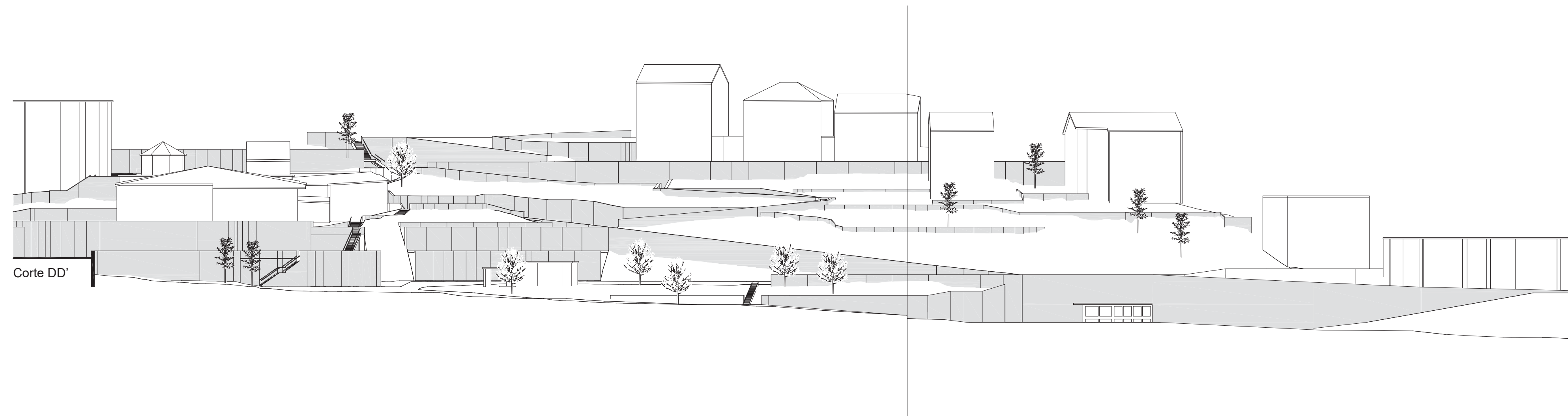
F2 | Fotografia do existente



F3 | Fotografia do existente



F4 | Fotografia do existente



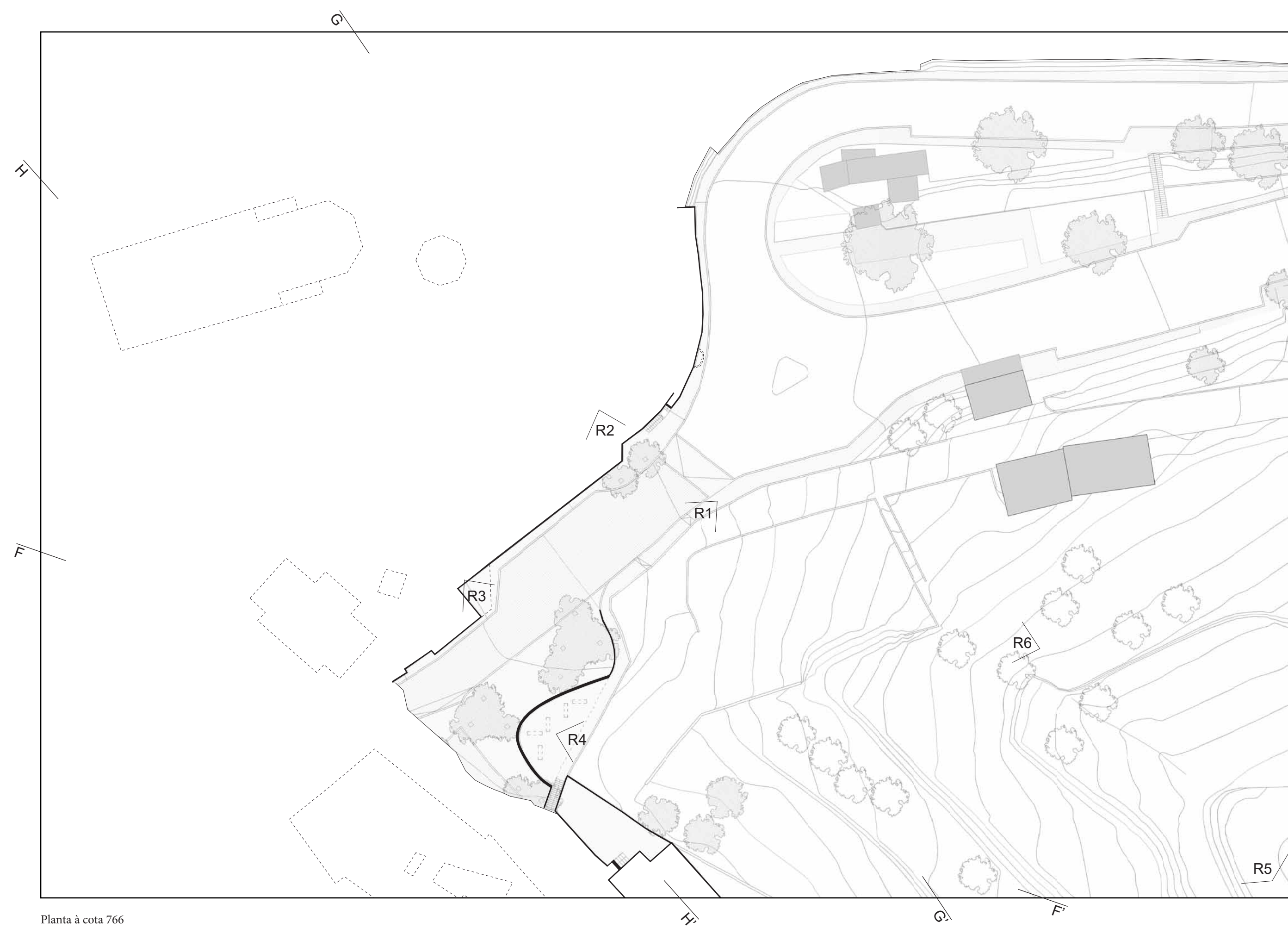
Planta | a. Acesso rampeado b. Paragem autocarro c. Edifício de apoio para os taxistas d. Praça de táxis



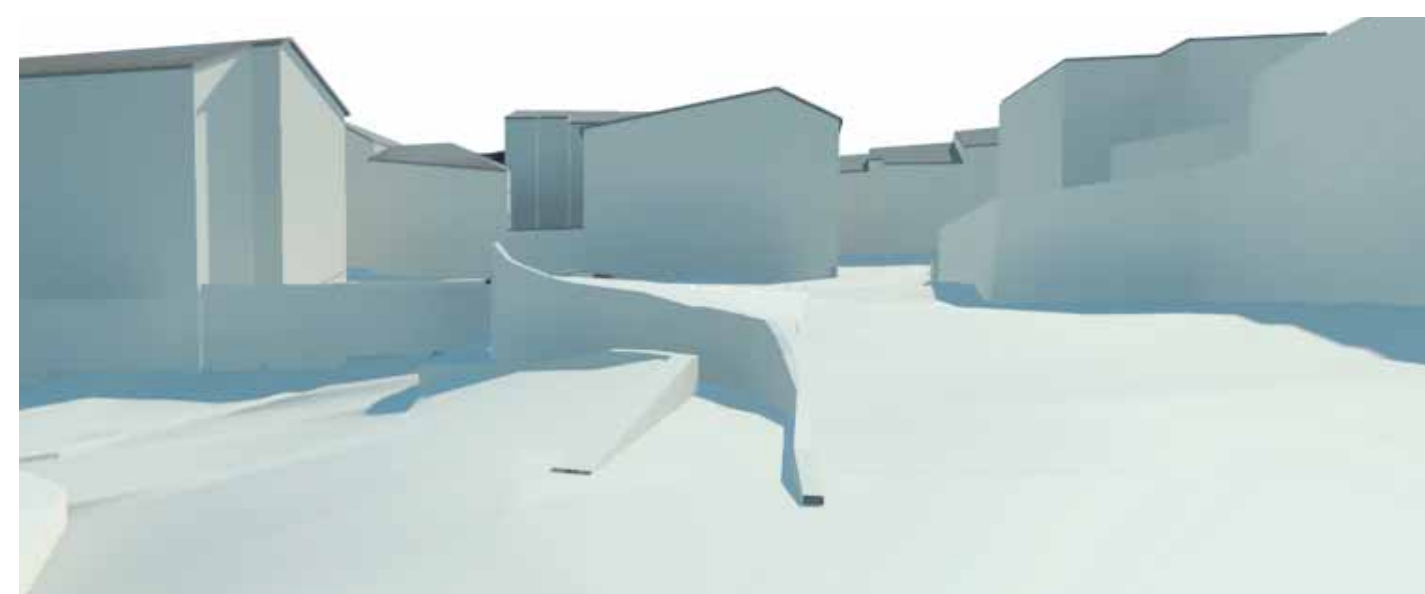
R1 | Render



R1 | Ensaio de arborização



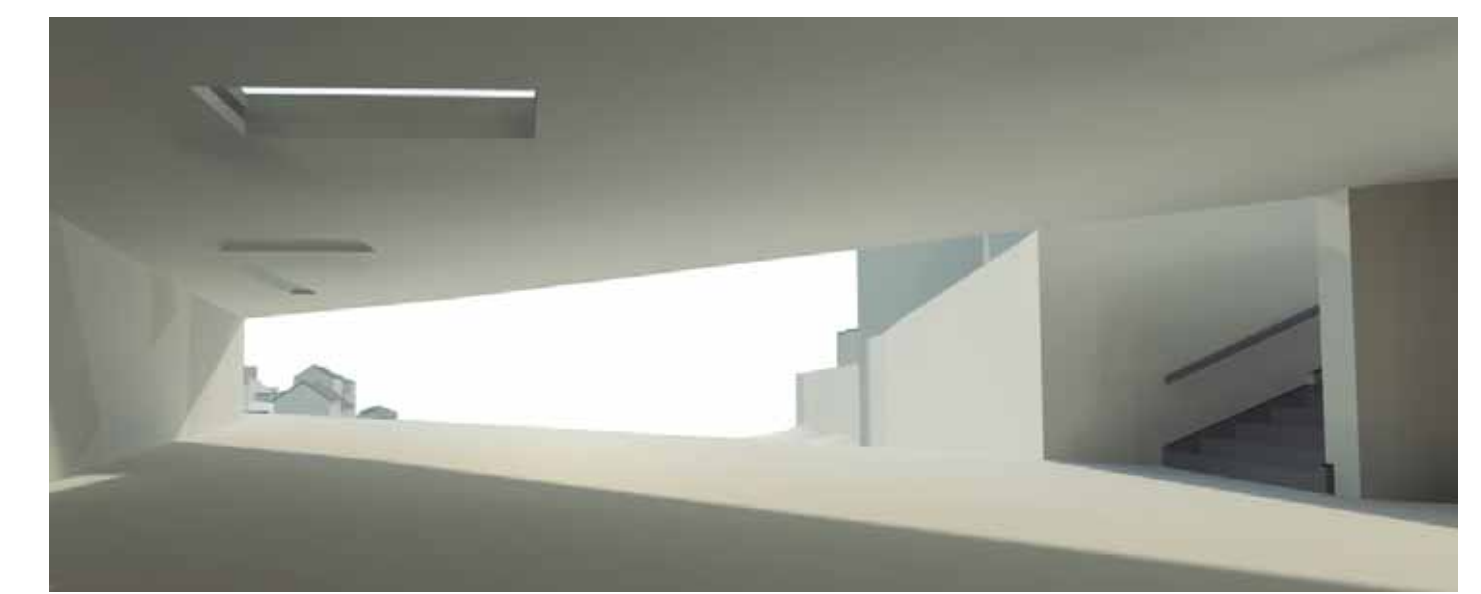
Planta à cota 766



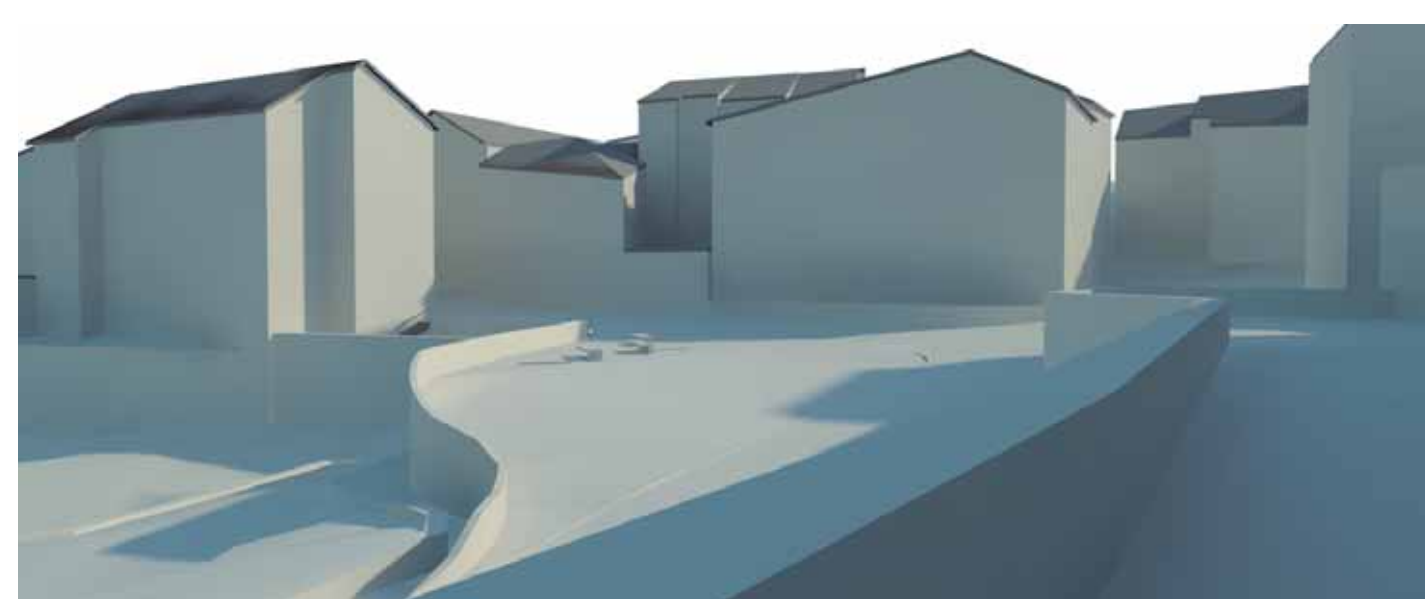
R1 | Render



Perfil FF'



R4 | Render



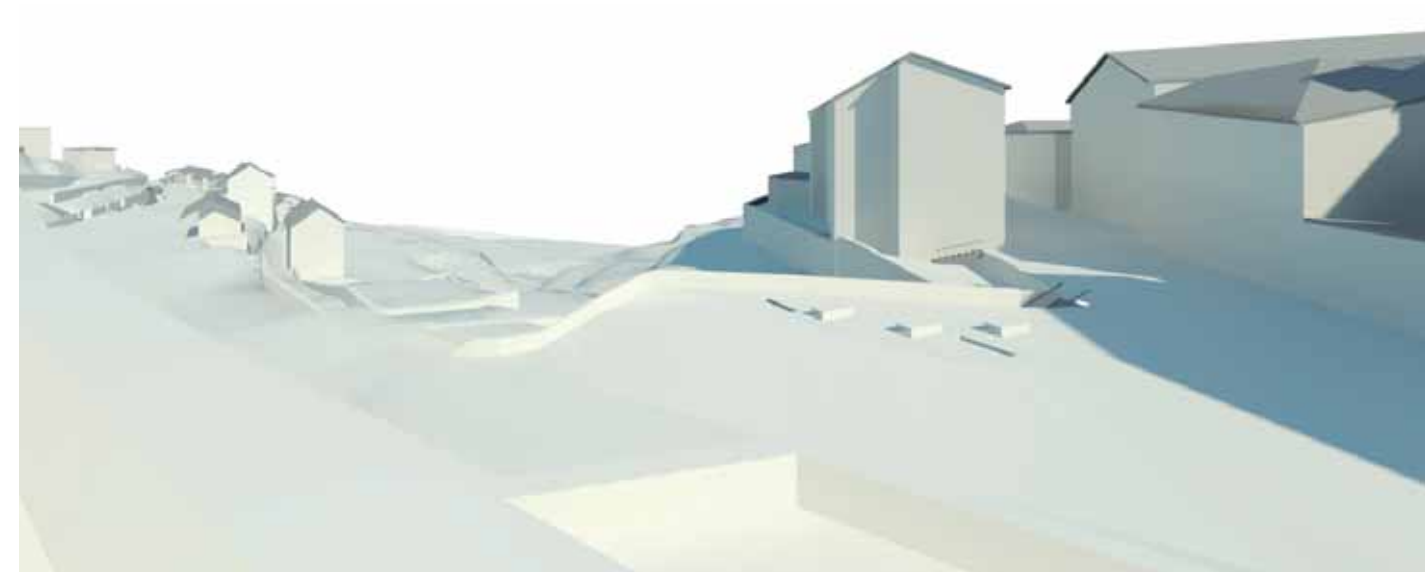
R2 | Render



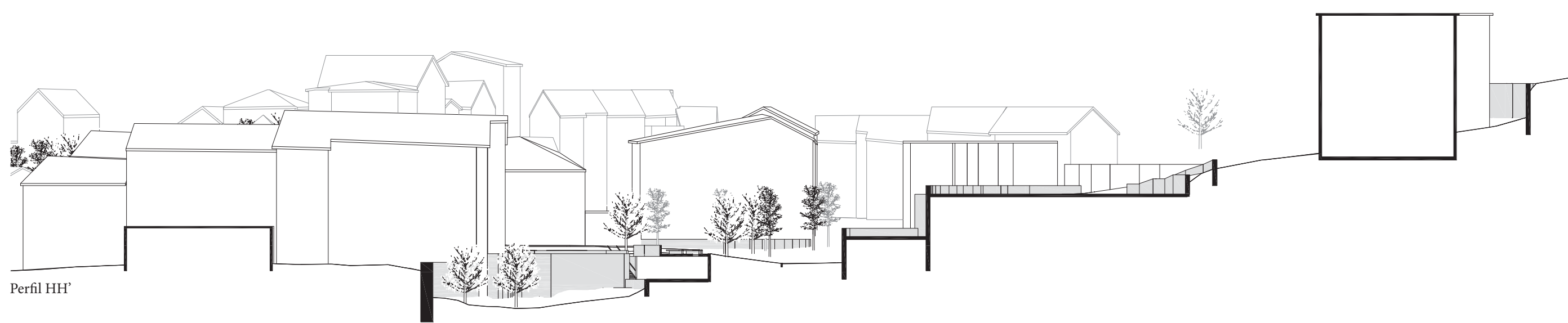
Perfil GG'



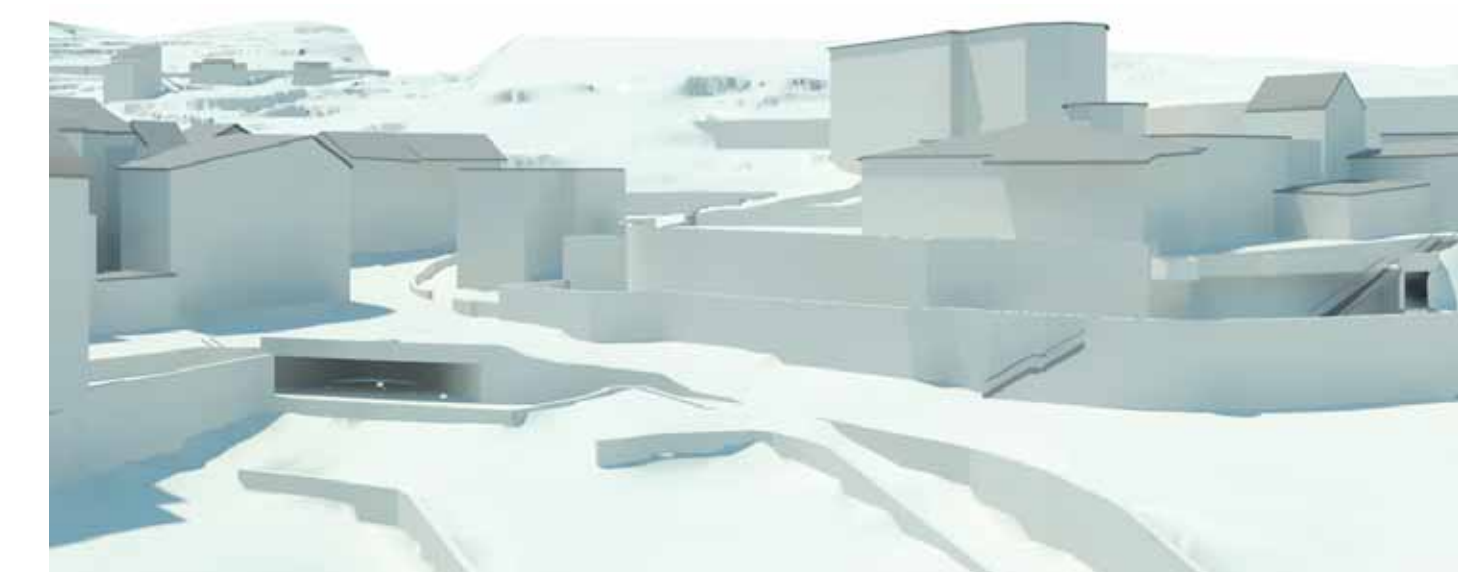
R5 | Render



R3 | Render



Perfil HH'



R6 | Render

- Cubo granito 10x10
- Cubo granito 5x5



F5 | Fotografia do existente



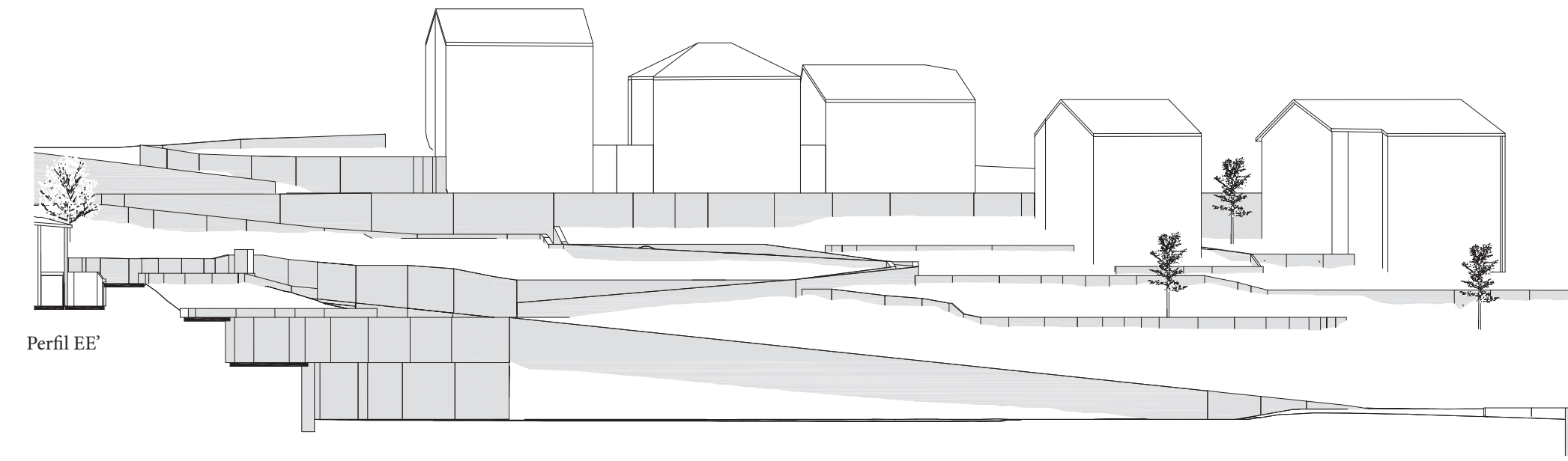
F6 | Fotografia do existente



F7 | Fotografia do existente



F8 | Fotografia do existente



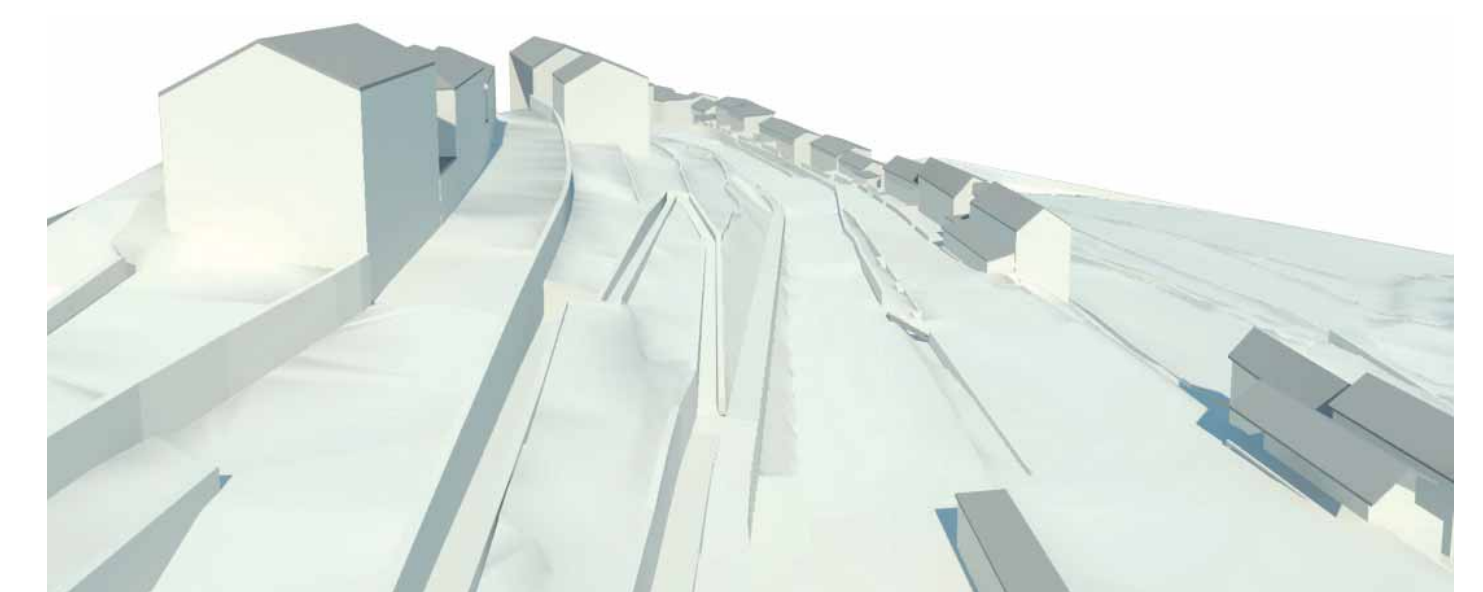
F5 | Fotomontagem



F6 | Fotomontagem



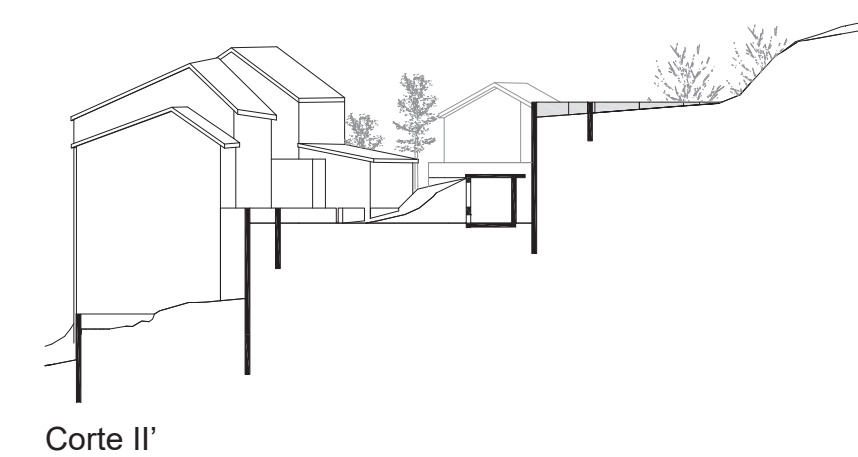
F7 | Fotomontagem



R2 | Render



Planta à cota 760



Corte II'



R1 | Render



Paragem Manteigas | Fotografia do existente



Paragem Valhelhas | Fotografia do existente



Paragem Belmonte | Fotografia do existente



F1 | Fotografia do existente